

Oportuno Acaso

Juarez Poletto

Oportuno Acaso



Reitor
Vice-Reitor

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Marcos Flávio de Oliveira Schiefler Filho

Heron Oliveira dos Santos Lima



Coordenadora-Geral
Coordenador-Adjunto

EDITORIA DA UTFPR

Eunice Liu

Edson Domingos Fagundes

CONSELHO EDITORIAL

Titulares

Anaís Andrea Neis de Oliveira

Antonio Gonçalves de Oliveira

Edival Sebastião Teixeira

Elisângela Dusman

Ivane Benedetti Tonial

Marcelo Gonçalves Trentin

Roberto Cesar Betini

Sara Tatiana Moreira

Wellington Ricardo Fioruci

Suplentes

Anna Luiza Metidieri Cruz Malthez

Carina Merkle Lingnau

Ivo de Lourenço Junior

Janaina Piana

Lia Maris Orth Ritter Antikeira

Marcelo Lambach

Mariane Kempka

Pedro Valerio Dutra de Moraes

Rodrigo Deren Destefani



Oportuno Acaso

Juarez Poletto

© 2021 Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná



CC BY-NC-ND

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - AtribuiçãoNãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P765

Poletto, Juarez.

Oportuno acaso [recurso eletrônico] / Juarez Poletto. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 142 páginas). – Curitiba : EDUTFPR, 2021.

Texto com narrativas em verso e prosa.

Modo de acesso: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/>
ISBN 978-65-88596-74-6

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD (22. ed) 869.3

Bibliotecária: Tatiana Campos da Hora CRB-9/1854

Design Eunice Liu
Willian Batista Salvario

Capa Willian Batista Salvario

Ilustrações Guilherme Patury
Gustavo Morette
Lucas Yukinori Saito
Raquel Sales
Willian Batista Salvario

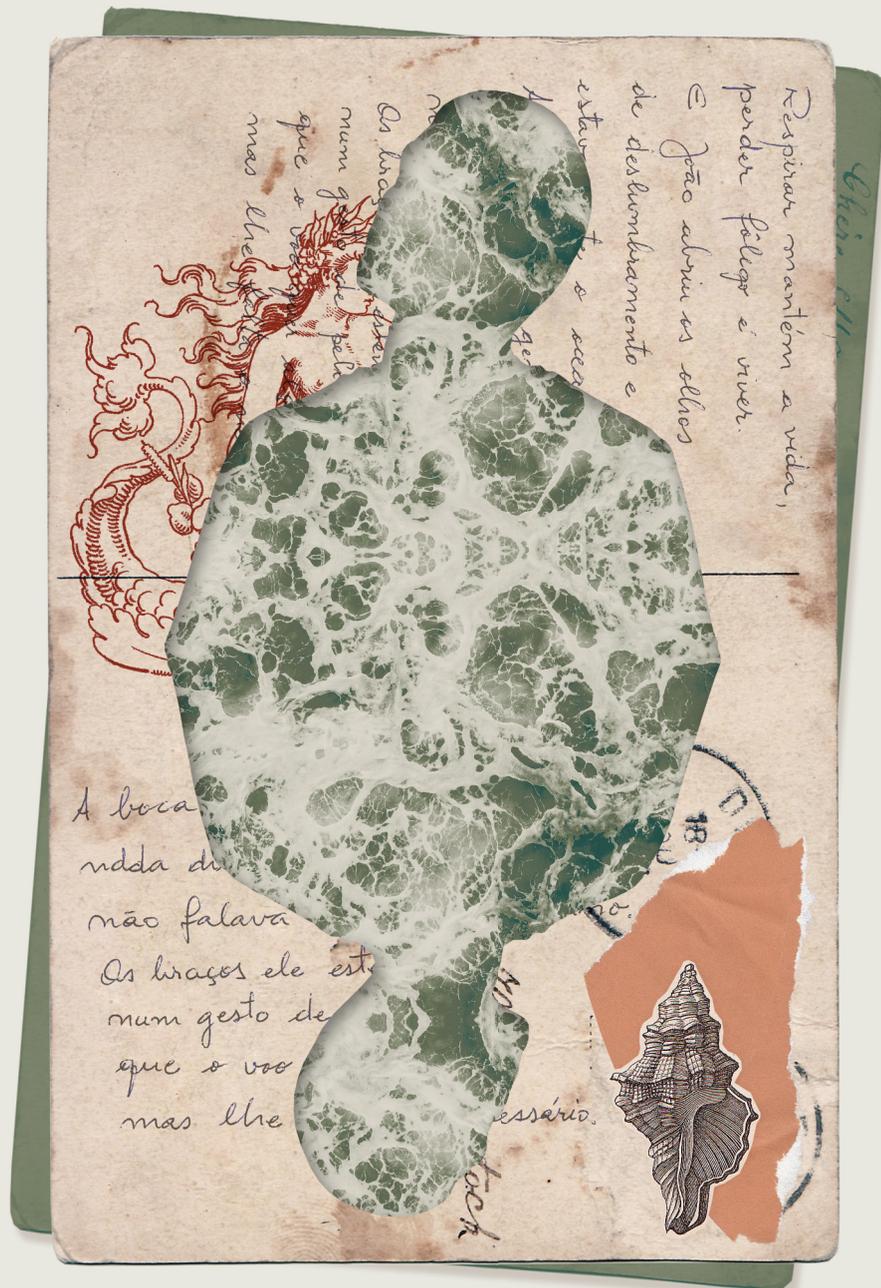
Revisão Fabíola Junghans
Ludmilla Borinelli

Normalização Ludmilla Borinelli

EDUTFPR
Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Av. Sete de Setembro, 3165
80230-901 Curitiba PR
www.utfpr.edu.br/editora
@edutfpr

*Carinho e gratidão a Célia Maria,
permanente sustentáculo.*

13	Canto do imprevisto destino -----
31	Desencanto: ----- da infância à revolução -----
43	Canto de esperança e de sonho -----
57	Outro tanto de possibilidades -----
67	Canto de solidão -----
77	Espantos do recomeço -----
87	Canto de rotina -----
99	Outro tanto de tortura -----
111	Da plenitude ao vazio -----
123	Canto de encontros -----



I.

Canto do imprevisto destino

Respirar mantém a vida,
perder fôlego é viver.
E João abriu os olhos
de deslumbramento e espanto:
estava ante o oceano.
A boca apenas gemeu,
nada disse de preciso,
não falava há quase um ano.
Os braços ele estendeu
num gesto de pelicano
que o voo quer alçar
mas lhe falta o necessário.
Quedou as mãos, suspirou
e as ergueu devagar,
fechou os olhos, pendeu
as asas para voar
e o seu corpo oscilou
no espaço imaginário
de um pássaro sobre o mar.
No voo em que se perdeu
de seu afazer diário,
João parou de respirar
o mesmo ar ordinário
da rotina que reduz
do prazer o corolário
e principiou a sentir
da brisa um novo fluir,
um ficar e querer ir,
um curar o próprio pus,
um sentir identitário
que envolve e que seduz,
que subverte da cruz
o sofrimento do dia,

pois transforma o cotidiano
em fantasia mais plena
que se sustenta na luz
e no flutuar das penas.

Da personagem já não digo grandes coisas:
é gente simples de viver sem luxo e festa,
trabalha muito, mas conquista quase nada.
De seus pertences, pouca trouxa já lhe resta,
de sua voz, pouco há de que se ouça
e de seu corpo, sobra uma figura esquelética.

Perante o mar e seu movimento incessante,
como uma hipnose, João começou a dormir
um sono doce de quem não dormia há anos
um sono manso de remir todo pecado
um sono pleno que o impediu de ouvir
os novos planos que o destino lhe armava
e que o fariam de seu sonho desistir.

E o vento propenso
que sopra de lado
cantou o recado
no ouvido de João,
mas ele sonhava
e enquanto dormia
o alerta fugia...
Acorda, João!

Entregue a Morfeu
no embalo marinho
sentiu o carinho
da espuma na onda
e foi navegando
mansinho, levando
não sabia onde
o caminho seu.
Já preso do canto
e ritmo das águas

mais fundo, mais fundo
o mergulho deu.
Tão pleno e intenso
veloz e preciso
foi seu salto dentro
que chegou ao centro
do seu próprio eu.

Era um espaço grande e de imenso querer.
Já não sentia dor nem precisava ver,
assim de cada odor sentia só o vazio,
então nada tocou, pois tudo era vácuo,
e só pôde escutar o nada imensamente
até não degustar o visgo da saliva.
Finalmente encontrou o que não procurava:
um espelho convexo de imagem inversa
e um reflexo côncavo de seu próprio ente.
Não disse palavra, não pensou pensamento,
fluiu com o nada, sem saber nem promessa,
sem dor ou alívio, sem dúvida ou certeza
expectativa ou medo, feiura ou beleza,
apenas se deixou envolver mansamente.
Não houve sofrer algum no que encontrava
nem forte alegria ou luz de si projetava,
ou peso ou pena ou calor ele percebeu.
Haveria João alcançado o eterno?
Estaria o herói já nas portas do inferno?
Apenas seu medo finalmente cedeu,
ganhou o controle do que era já seu:
e ficou frente a frente com seu ser liberto.

Liberto, mas preso na masmorra do corpo,
no desconforto de uma nudez absoluta
que não reprime gesto, não pune conduta,
pois se sustenta inteira no princípio cômico
de que só sem máscaras se vence a disputa
contra o camuflado e impertinente absconso.

Esse sonho de um minuto durou tanto que João, ao acordar, já não sabia se o mundo ao seu redor de fato via ou acaso era parte de outro encanto.

Senhor Destino com seu dedo frio aponta o novo rumo que a João era devido. Palavras potentes, teor agressivo, susto, apreensão: "Sai, sai! Estamos jogando. Cai fora!" Acostumado a receber injúrias, o coitado desviou sem demora e saiu logo da linha de ação dos que a disputa faziam com fúria de uma bola rolando no chão.

Só então percebeu num repente o calor que fazia na praia. Era um sol tão intenso e potente que nenhuma mulher tinha saia. A nudez o deixava demente de um desejo que não controlava, e andou perturbado pro mar para aquela quentura aplacar.

Foi entrando de frente e medroso passo a passo enfrentou as águas. Mais ao fundo, tranquilo, ditoso, foi tentado a olhar para trás: os seus olhos no esplendor do gozo não enxergaram a onda voraz que o envolveu e depois o engoliu e o prendeu em um firme funil e o desfez como estátua de sal.

Lá da praia os gritos se ouviram: "Afogado! Socorro! Bombeiro!" Uma jovem de traje vermelho se lançou lá nas águas profundas.

Mergulhou, vasculhou, insistiu e avistou um chinelo fuleiro que prendia um pé de pedreiro que usava camisa e bermuda. Agarrou no cabelo de João pra evitar o abraço certo que sufoca e leva pro fundo. Ao puxar, era leve de peso como se flutuasse no ar, um balão num barbante preso, um peixe em corrente no mar.

Ajudada por banhistas, à praia ela chegou e seu fardo acomodou com cuidado especialista: então apertou o peito em ritmo de coração e levou seu lábio rubro à boca do cidadão insuflando ar adentro. Em torno uma multidão esperava pelo efeito daquela respiração de lábios com tanta vida em lábios brancos e vãos. Um susto ou quase assim de um acordar repentino fez João tossir com força e ao olhar aquela moça com a face carmesim soube enfim de seu destino.

A memória e seu espesso visgo de lembrança, semente e miasmas sacudiu sua cauda no abismo, do mergulho das dores profundas,

despertou do silêncio da alma
a palavra trancada na urna
de um segredo há muito escondido.

Vasculhou sua mente com medo
de sentir o que fora sentido
no momento em que prendeu a dor,
e soltou o dizer com um dedo
que tocou da garota o rosto
em um gesto de agradecido.

Do contato uma quase faísca
acendeu a fagulha com força
e um respiro disperso da boca
agitou fracas brasas na cinza
da esperança franzina e tão pouca,
mas que dera destreza à língua,
que esboçou uma fala tão frouxa
que a palavra morria à míngua...
E outra vez procurou pelo toque
e outra vez recebeu novo choque.

A moça prendeu a mão que afagava
e João a entregou sem resistência,
pois não tinha força nem sapiência
e nem a si próprio controlava.
As vozes dos outros ouvia ao longe,
murmúrio vago de quebrar de onda,
mas seu coração mais pleno cantava
um canto liberto de quem encontrava
do enigma antigo possível resposta.

A moça vermelha falou finalmente.
A voz calma e mansa ao ouvido chegou,
penetrou paredes de carne e de vida,
alcançou o fundo e então ecoou...
A alma tem cordas que vibram a mente
que tangem o ontem, que ferem o agora,
e aquela memória há muito esquecida

submersa no limbo do olvido da história
emerge da noite assim de repente
e salta pra dentro das forças do dia
e João abre os lábios, suspira: "Maria".



Trouxera pra praia
um simples farnel
sem luxo e sabores
que lembram o mel
e nem os odores
de pão feito em casa
que encanta narizes;
são outros matizes
que ganham as glórias:
banana, cachaça
em folha de cataia
sem outros vernizes
completam a boia,
e um simples cantil.

E quem lhe diria
ao descer a serra
que nessa outra terra
deitado na areia
achasse a sereia
na borda do mar,
e abrisse a ferida
há tanto esquecida
ainda dóida
de seu desejar?

Enquanto mordia
o pão com banana,
olhava a mulher
de roupa vermelha
de prancha bacana
e não entendia
por que sua Maria
não o conhecera.
Disseram que o choque
do afogamento
fizera na mente
algum turvamento
do senso perfeito,
mas aquele toque
aquele momento
de alumbramento
o pôs tão contente
que não viu desfeita
no gesto discreto.
E pediu desculpas.
Aceitas, verdade,
não houve maldade,
porém, no que fez.

Enquanto cismava e comia pensando,
o tempo passava e a tarde fugia.
Os olhos nadavam na crista da onda,
corriam a costa de gente sem fim,
voltavam-se aos céus em voo distante
tornavam ao chão em passos vagantes
de quem procurava solver um dilema:
devia seguir o dizer do instinto
ou só retornar e deixar assim?
Enquanto cismava e comia pensando
foi alimentando processo distinto:
e se lá ficasse, assim de improviso
e deixasse a noite chegar sem aviso,
dormisse na areia aquecida de amores
e esperasse dias de sol sempre a pino?...

Assim como a vida, trabalho tem hora
e nem a garota vermelha esperou:
ao cair da tarde, o sol indo embora,
ela sem demora também arribou.
Subiu em um carro vermelho vibrante
sumiu num instante, deixando João
sozinho no mundo, momento marcante,
não mais esquecido em seu coração.

Voltar.

Cada passo que fazia rumo à rodoviária,
ruía dentro um pedaço da casa.
As ruas aclaradas pela iluminação artificial
já não tinham tanta gente
e o rumor do trânsito de poucos carros
mal chegava a seus ouvidos obscuros.

Ônibus pleno, coração vazio.

Na serra, o domingo morria nas curvas
da sonolência, no embalo de um sono frio
de esperanças, em direção à

[mesma rotina absoluta.

Mochila nos joelhos,
olhos no chão,
mãos perdidas,
pensamento vago:
medida estreita
de barco em lago...
que não suspeita
o impossível afago
que o espreita.

Nas planuras do planalto
passando o posto policial,
diminuição de ritmo
e visada casual
acompanhando as luzes
que ficavam para trás...

O imprevisto impossível:
dois bancos mais ao fundo
e de olhar ativo,
João cruza o olhar
com outro olhar mais vivo.
Miragem,
pensou confuso,
voltando-se para frente,
mas a imagem
formou-se de novo na sua mente
e virou-se
e deu de frente
com toda confirmação.
Não fosse a confusão
que dominou seu consciente,
seria só alegria,
todo riso, plenamente...
João deparou Maria,
eram juntos novamente.

Maria não sustentou
o olhar ansioso de João.
Virou-se para a janela
mergulhou na escuridão
de confusos pensamentos...
e não vislumbrou opção
de nenhum procedimento.
Enquanto ele insistia
do assento do corredor
em mirar sempre Maria
sem sorriso acolhedor
em seu semblante,
uma pontada de dor
agonizante
acometeu-o abruptamente.
No mesmo instante absoluto,
a moça se levantou,
pois lhe percorreu um susto
como fosse um calafrio

e se pôs de um só impulso
a tempo de sustentá-lo,
pois ele pendia todo
para frente, e ao ampará-lo
percebeu com algum custo
que o homem padecia,
mal respirava em agonia.
Só então ela acolheu
aquela cabeça ao busto
num gesto que prometia
um cuidado permanente
como se a mãe achegasse
o corpo do próprio filho,
embora outros olhassem
o momento de carinho
com algo estranho na mente.
Por socorro ela pediu,
o que alertou quem dormia
e todos passaram a ver
o que por primeiro ela vira:
o homem passava mal,
os sentidos já perdera.

O ônibus prosseguia,
a agitação tomou conta.
Aos gritos de atenção
e pedidos de ajuda,
o motorista encostou
para avaliar a conduta
adequada a adotar.
Gritaram para tocar,
pois parar não resolvia
a estranha situação.
Ataque de coração!
O carro tornou a andar
em ritmo forte, anormal.
Não foi para a estação,
pois o grupo socorrista
pediu uma ação sumária,

e o ônibus entrou
pela alameda final
que portava ao hospital
vizinho à rodoviária.



Claridade alva, branca como asas
[de aves pálidas.
Flutuava num corredor de luzes claras e olhos
interrogativos.
As vozes, ouvia ao longe sumidas
[de seus ouvidos...
Então tudo escureceu.

Bip bip, bip bip, bip biiiiip, biiiiiiiip
Bip bip; bip bip; biiiiip, bip bip
A mente não entendia aquele ruído irritante
mesclado à respiração compassada
em ritmo artificial.
Sentia o braço pesado
privado de movimento,
as pernas paralisadas,
algo entrando nas ventas
e os olhos tão cansados
não os abria ao intento.
Se morto, não sentiria
a dor daquele momento,
como se o peito explodisse,
arrebentasse algo dentro
e ao mesmo tempo quisesse,
como uma força do instinto,
viver do modo que fosse.

Certamente estava vivo
e apagou novamente.



A sorte de alguns é merecido fruto
do que se fez em vida;
de outros, é pomar púdo,
mensagem esquecida
dos anos já sofridos
de luta padecida.
A de João, não é nem uma nem outra.
De méritos, já não se fala;
de flores, faça o favor!
A colheita que o espera,
até então só de dor,
é fruto de primavera
de árvore ainda em flor,
que pode cair à terra
e nunca chegar ao fruto.



Ainda deitado no leito da enfermaria,
sozinho como viúva,
perdido em teto vazio,
sem janela na parede coberta com crucifixo,
João vasculhou a memória
em busca de compreensão.

E se tudo fora um sonho,
se verdade não houvesse
nas imagens de sua mente?
Eram laivos de uma praia,
de uma boca vermelha,
de uma brancura imensa
de uma dor sem parelha
e de escuridão sem fim.

As mãos rudes do trabalho
conhecia, com certeza,
eram suas,
mas as duas pernas nuas
embaixo do cobertor
por onde teriam andado?
E o rosto, ele sabia de que marcas era feito?
De qual cor eram seus olhos?
A sua pele era branca,
mas que sinais, cicatriz na sobancelha?

[na face?

Algumas coisas voltavam
outras do escuro riam.
Um espelho! Um espelho!
Pensou como quem encontra
e súbito a luz aclara,
mas o toque sutil na porta
logo tolheu a ousadia.
Pela fresta entreaberta
na expectativa sombria
de uma nova descoberta,
surgiu outra vez Maria.

Não era sonho então
ou ainda ele dormia?
Haverá a ilusão
tamanho força de guia?

Ela assim se aproximou,
na voz, uma melodia,

quando ouviu de sua boca
aquele doce "bom dia".
Deixou enfim embalar-se
ao ritmo do que viria,
mas o que veio foi pouco:
um sorriso, uma alegria
de vê-lo vivo. Que mais seria?

"Sou Mariana", ele ouviu;
enquanto disse, sorriu.
"Por que me chamou Maria?"

Fez-se um silêncio fundo
no coração do homem,
um silêncio de tristeza,
de certeza do engano
que sozinho cometera.

Ao que olhara para ela
na praia, ao meio-dia,
a sua mente fizera
um percurso só de ida
ao encontro da quimera
que se fora há uma vida.

Agora, vendo-a ali
em sua frente vestida,
bem percebeu o equívoco
de chamá-la de Maria.
Os cabelos eram lisos,
os olhos, duas estrelinhas
em cor de mel muito esquivos.
Olhando nas entrelinhas
da face dessa menina,
não havia aquelas marcas
que fizera a erva daninha,
nem as mãos assemelhavam,
estas são tão pequeninhas.

Já convencido do engodo
que sua mente pregara,
João as escusas pediu,
dizendo que se enganara,
mas também agradeceu
o serviço que prestara
aquela bondade infinita.

Ela mais se aproximou,
ficou ao lado da cama
e então confidenciou:
"Estou curiosa do fato
que o fez dizer Maria
e insistir no delírio.
Deve tê-la amado um dia
e saber de sua história,
muito me alegraria."

O pedido veio claro
pr'aquela mente confusa,
não que fosse bizarro
dizer sim ou uma escusa,
pois não havia razão
aparente ou meio escura
pra dizer *não* e calar
aquela joia difusa
que invadiu o doente.
Era como se o fruto
há muito no galho preso
pedisse com a própria cor
o gesto de uma colheita
e se tornasse o desejo
ou o prazer mais justo
para aquele sofredor.
Quem jamais lhe pediria
para contar uma história?
Não tinha filhos, amigos...
alguém que quisesse ouvir,
e a quem interessaria

gastar assim os ouvidos
com gente num hospital?

João fez um sorriso estranho
de quem muito quer lembrar,
espremeu o olho castanho
e enfim se deixou levar
na fluência da memória.

II.

Desencanto: da infância à revolução

"Se me der um copo d'água, que a garganta tá pegando. Não falo há muito tempo. Assuntos de meu passado. Promessa ou coisa parecida. Você pediu pra contar essa história, tenho um débito. Pago.

Meu modo de dizer pode não ser do gosto, mas é do jeito que sei. Fico até meio constrangido de pôr pra fora esses fatos, afinal são coisas minhas, mas lhe devo uma fala, nem que seja por escusas, afinal salvou minha vida, de modo que ela é um pouco sua também, e é justo que conheça a vida que permanece por conta de sua ação. Vou caprichar na linguagem porque aprendi que ela ajuda a formar a imagem justa dos fatos e das pessoas.

Pra começar, não sei dizer de Maria sem dizer de minha história, que as memórias se misturam. São mais lembranças que fatos. Já não sou capaz de diferenciar o que vivi de veras do que deveras invento. Tive muito tempo pra recompor as coisas e organizar pra fazer sentido. Então tenha bondade, largo assim a minha prosa do princípio. É vício de quem não tem ciência, mas cultivou experiência em anos de espera e silêncio. Preciso avisar que não falava há muito tempo, pode até ser que perca a voz. Tenha paciência.

Quando nasci, era festa de São João. É certo que não me lembro de folguedos nem de brinquedos da infância que vivi. Se bem recordo, eu teria quatro anos, e era agosto, pelo frio, se não me engano. Meu pai dizia: 'coisa igual eu nunca vi'. Ele falava de outra coisa, não do inverno. No momento eu não sabia.

A mãe calava e olhava pela porta, sempre à espera, e eu sem resposta da pergunta que sentia inundando minha boca, pergunta que então não fiz: 'quem que morreu?'. Agora isso não importa, mas lembro do silêncio das horas vazias, o rádio falava com voz de notícia, e a música triste que dele saía a mim parecia sexta-feira santa. Ouvi depois no boteco, quando fui buscar querosene, uma confirmação da suspeita infantil em minha alma: 'Getúlio morreu'. Mas quem é Getúlio?



O fato se foi, a vida se fez. Acho que essa é minha memória consciente mais antiga.

Mais água, por favor...

Em tempo de eleição presidencial, tinha comício com tamanha presença que a festa do santo perdeu a vez. Pra mim era quase uma alegria ver tanta gente no pátio da escola. Tinha muitos que pediam esmola, outros tantos que cantavam refrão. Eu corria, de todos esquecido, sentia também aquela emoção de participar de algo apetecido, mesmo não compreendendo a razão de todos estarem enlouquecidos pelas falas de um homem na correia de bois.

Eram palmas e gritos e foguetes e um nome incomum para um menino, uns diziam: 'Lá vem o presidente!', outros gritavam: 'Lá vem o Juscelino!'. Mais tarde fiquei sabendo que o tal Juscelino nem estava ali.

Anos depois veio a vassoura e varreu pra debaixo do tapete a esperança e se deu a confusão. Ninguém dizia o que era evidente: um certo grupo — depois fiquei sabendo que era o mesmo que acabou com Getúlio — não queria o João, mas mesmo assim ele foi o presidente até o momento em que veio o general e definiu que o povo não escolhe nem presidente nem governador geral.

E como eu, que também não tive escolha, aquele João se escondeu no Uruguai. Na minha sina, me escondi de outro jeito, me meti fundo no matagal. Vieram moços de sabenças e de livros, falaram de luta no campo e cidade. O tempo passava. Não era menino, mas não me consideravam pra pegar em arma, pra entrar na briga. Fiquei na tocaia. Passaram mais dias, cresci com a certeza de que venceria essa luta. Comia era pouco, a fome era muita e crescia. Saciá-la? Impossível, pois resistia no fundo de mim aquela ânsia de jovem faminto e alguma melancolia. Trancado na selva eu sobrevivi, até o inesperado acontecer.

Não foi bem assim, mas chegou o dia em que um novo grupo de jovens apareceu na selva. Chegaram de noite no escuro, no breu, não vi se eram muitos do posto onde estava, nem se solitários, só ouvi comentários da trilha difícil, dos que se perderam.

Eu não comandava, eu não discutia, apenas seguia as ordens do grupo que vinham de fora e traziam notícia também. Vieram tão cruas as novas do luto do núcleo vizinho que não resistiu. Fugidos no mato, com fome e com sede, os sobreviventes

vieram a nós. As roupas rasgadas, a pele curtida do sol que abraçava e da luta feroz. E pouco falavam, deitavam na rede e todos choravam de corpo estendido um choro miúdo de quem perdeu tudo como também perdi. Eu compreendia a dor, mas não chorei junto.

Chorar não é permitido, a luta persiste! É forte o inimigo, poderoso e preparado, mas neste recanto haverá liberdade, e se quisermos pra nós, devemos lutar. Já não era eu quem falava nem pensava essas palavras, apenas ouvia, e em mim se misturava uma dose de raiva, outra de alegria.

Água...

Eu não sabia de destino e ideologia, tudo eu tinha perdido na minha terra já distante, até meus pais. Naquele tempo tão longe no passado ouvia o padre no domingo na capela, não compreendia o que era perdoar. Meu coração só pedia por vingança.

Larguei a escola e comecei trabalhar, porque viver era minha condição; era sozinho, precisava de sustento, já não podia viver à custa de vizinho. Então, um dia, fui à missa, era costume, e o padre disse que era preciso lutar. Era outro padre que estava na ocasião e sua fala me tocava mais no fundo e me agitava uma esperança de mudar. Me deu vontade de, sem mais, cair no mundo, mas antes disso fui conversar com o padre sobre o desejo que acabava de nascer.

Bem diferente do padre antigo, esse me disse mais que sim do que que não. Eram dois padres bem diversos, mas pertencentes a uma mesma religião. Foi então que me dei conta que cada um pode ter sua opinião. Ouvi conselhos, rondava dezesseis anos, eu não sabia nem o rumo, mas aceitei me agregar, naquela idade, com umas gentes que rumavam pro sertão pra organizar uma comunidade base e resistir a uma nova escravidão que mantinha o sertanejo controlado em regime de quase servidão. Viajei uns dias dormindo na Kombi com mais uns rapazes, até chegar ao local que diziam ser o Vale do Ribeira."

Que diz o homem dos tempos de jovem?
Um pouco é verdade, um pouco desejo
de ser qualquer coisa, saciar a fome,
abrir horizonte e esconder o medo.

Ser homem e olhar os dias passados

já não é se ver, mas ver acrescido,
ao que foi vivido, o imaginado
e assim colher um fruto querido.

Este João que conta e o João contado
muito semelhantes, mas não iguais:
um já sofreu tanto, o outro inda espera

que a vida lhe dê um fim almejado,
que o seu desfecho vá além de ais,
não seja um outono, mas primavera.

“Foi assim que entrei na luta, que entendi de camuflagem de verdura e fruta, que aprendi a me defender com pouca coisa, mas só me cabia a labuta mais fatigosa que havia, não pude me dedicar a organizar quem vivia, nem jamais pude fazer serviços de quem estuda. Sempre fui galo de briga nunca dono do terreno. O mais alto que cheguei, e conto sem cerimônia, foi erguer quatro paredes, pendurar algumas redes e viver disso sem vergonha.



Me perdoe, mas no contar tem os esquecimentos. É como um caminho que vai se fazendo quando se caminha, e de vez em quando é preciso retornar um passo saltado pra história fazer sentido. Daí que volto ao tempo de menino, senão não conto direito o rumo do destino que segui. Mas antes, por favor, alcance o copo d'água.

Era a mãe, o pai, a mana Aninha e eu, o menor. Os parentes ficaram longe no sul. Soube já mais tarde que meu nascimento foi um milagre, que a mãe não podia mais ter filhos. Isso eu não sei se foi sorte ou desgraça, mas se era pra outros seguirem

minha sina e a de minha irmã, melhor assim só nós dois, que dor de irmão dói mais, e de vazio e de perda estou cheio.

Foi para manter a família unida que minha mãe comprou quatro medalhas pequenas de Santo Antônio. Cada um tinha a sua. Eram prateadas e a gente devia usar sempre. Prometemos. Devota, minha mãe.

Aos dez anos, era feliz: chupava cana, comia melancia, subia nos pés de fruta e esquecia a hora do almoço. A escola, uma gostosura: a gente brincava e aprendia, eu até já sabia nome de rio e cidade, de montanha e até país, aprendia que a raiz de algumas plantas se come, que as folhas de outras são remédio, mas principalmente gostava da hora do recreio, quando esquecia meu pão na sacola e jogava bola de gude às ganhas. Saía quase sempre de bolso cheio. Em alguma coisa eu era bom, os outros me respeitavam e tinham alguma inveja.

Um dia, de bolso cheio depois do intervalo, na fila pra sala de aula, quando entramos, o bolso arrebentou e as bolinhas começaram a cair. Foi uma gritaria. Todos queriam pegar a sua bola perdida de volta. Perdi quase todas. O que ganhei com empenho perdi por despreparo. Chorei naquele dia, além de levar castigo. Hoje recordo o fato que resume minha vida: conseguir qualquer coisa é custoso; pra perder, um só descuido.

Eu não era bem falante. Uma certa timidez aos doze anos me isolava das garotas. Se começava a falar, ficava vermelho e gaguejava. Elas colocavam a mão na boca pra esconder o riso. Num dia assim, nem adiantava jogar bolinhas de gude, perdia, porque não saía da cabeça a minha incompetência. Era como se todos estivessem me olhando e rindo. Na verdade, sempre havia um grupo, principalmente de meninos, que acompanhavam os jogos. Eu ficava mais nervoso, me irritava, queria vencer de qualquer modo e só perdia. Foi desse modo que fiquei arredio às garotas.

O professor, sim, era professor e não professora, vendo meu embaraço na fala, me deu um papel no teatro da escola talhado pra minha desenvoltura: eu era o cachorro. Foi minha glória. Eu tinha meu cão em casa e sabia todos os trejeitos do bicho. Aprendi a imitar o animal, principalmente o latido. No dia da apresentação, não sei por qual circunstância, caí nas graças do público. Sempre que entrava em cena de quatro e dava duas latidas, todos caíam na gargalhada. No final me aplaudiram muito, e até uma garota que

eu olhava com distância, pois ela era filha do dono da venda na vila, chegou mais perto e disse com uma mistura de carinho e brincadeira: 'vem cá, Totó!'. Desse dia em diante, aprendi a usar máscara. Sempre que tinha dificuldade, me imaginava outra pessoa, às vezes até um bicho. E fui enganando a timidez. Alguns anos mais tarde, a insegurança voltou, mas as circunstâncias eram outras.

Me perdoe, mas preciso de água outra vez.

A primeira grande desgraça chegou inesperada aos quinze anos, minha irmã já ia pelos dezoito. Um dia chegou o delegado e mais uns homens de polícia pra falar com o pai. Tomaram cafezinho e comeram bolachas. Parecia quase uma comemoração. Até nem sei por que aceitaram comer e beber pra depois dar a notícia. Vieram da cidade, estavam empoeirados e fazia um calor danado.

O delegado alertou o pai: a terra onde a gente trabalhava não era nossa, havia um engano nas escrituras, um erro de cartório, uma confusão de propriedade, porque a companhia que vendeu a terra não podia. Era já de outra pessoa, por destinação mais antiga do governo. Essa pessoa, melhor dizendo, os herdeiros dessa pessoa requeriam as terras de volta. Era gente poderosa, mas boa. Estavam dispostos a vender a terra para quem morava nela. O delegado usou de muitos argumentos e saiu de lá dando um prazo pro pai decidir o que fazer: comprar ou sair.

Não adiantou falar em usucapião, nem em direito adquirido. O pai tinha comprado a terra de antes da mana nascer, quando ia casar com a mãe. Tinha vindo do sul cheio de sonhos. A vida em todos esses anos ia se arrumando, o pior já tinha passado. Pai até pensava em comprar um carro. Agora esse despropósito! Foram pai e mãe ao advogado da cidade perto. Ele disse que era briga pra muitos anos de justiça, que se ia perder muito dinheiro e que não era certa a vitória. Ele também contou que não era caso único o que a gente estava vivendo, que a companhia de terras e o governo se desentenderam e gente de poder estava metida no meio.

Mas pai era cabeça dura e tinha suas razões. Resolveu não dar importância e a coisa esfriou. Por mais de mês ninguém apareceu, ninguém chamou pra nada, ninguém disse palavra. Um dia, veio a notícia de uma família encontrada morta dentro da própria casa no sítio a dois quilômetros da vila. Veio o delegado e concluiu que foram bandidos vindos do Paraguai, que era coisa de ladrão e nada mais. Poucos dias depois, ficamos sabendo que

aquela terra foi vendida, mas ninguém sabia quem era o vendedor, já que o dono estava morto. Quem comprou veio de fora e ficou por isso mesmo.

Um dia escutei meu pai no pátio da capela, num domingo de manhã, depois do terço puxado pelo rezador. Os colonos ao redor faziam que sim com a cabeça.

— Vocês viram, agora é o André Giacomini que foi visitado pelo delegado. Tudo do mesmo lado da vila: eu, Giacomini, seu Juvêncio já idoso, o Giácomo Pellegrini... um do lado do outro. Será que erraram os documentos só de um lado?

— Melhor não falar muito, seu Frágoso, soube que o delegado tá um bicho das conversas que circulam.

— Dane-se o delegado!

Que que ele tem com isso?

Meu pai estava zangado. Nenhuma reza o acalmava. E a espera, mesmo parecendo calma, era sinal de desgraça chegando, como o mormaço antes de chuarada.

— Vocês não acham que a gente devia se unir. Hoje o problema é com a gente, amanhã pode ser com qualquer um de vocês.

— Seu Frágoso, o que que temos com o fato da sua terra ter problema com a justiça?

— Minha terra não tem problema nenhum! Tenho documento, paguei por ela. Eles que me provem o contrário. Não adianta falar, quero ver esses herdeiros e os documentos deles se são mais antigos que os meus.

O que posso contar com certeza depois de tantos anos é que foi a primeira fala do pai defendendo seus direitos. Infelizmente também foi a última.

Na segunda-feira cedo, mana e eu fomos à escola. Caminhada de três quilômetros. Ela fazia a limpeza, eu ainda estava no último ano do ginásio. Tinha crescido, parecia um caniço metendo o pescoço pra cima da ramada. Mana era bonita. A gente tinha a mesma altura. Já tinha rapaz de olho nela.

Era uma manhã normal, só ameaçava chuva. Vinha um ventinho quente e eu caminhava de braços abertos pela estrada de chão. Ao meio dia, esperava a mana limpar as duas salas de aula e a gente voltava pra casa. À tarde eu ia pra lavoura, depois de enxugar a louça que a mana lavava. Quando preciso, toda a família pegava na enxada ou na foice, em tempo de colheita

principalmente. Tinha dado uma boa chuva pela manhã, daria um plantio certo à tarde.

O cheiro de comida sempre se sentia de longe. Mãe sabia fazer feijão com carne de porco como ninguém. A gente nem sabia que aquela mistura se chamava feijoada. Esquisito, o odor estava estranho, como de coisa queimada no fogão a lenha. O mais estranho é que não tinha ninguém em casa. Nem o cão. O fogão de fogo morto. A panela de feijão seca de água fazia aquele cheiro de queimado. O arroz ainda no alguidar e um silêncio...

Primeiro chamamos, depois gritamos. Tudo sem resposta. Não estavam na casa. Nem notamos os papéis esparramados sobre a cama deles. Enquanto mana cuidava da cozinha pra fazer o de comer, eu fui andar pela terra pra ver se encontrava os dois. Onde teriam ido? Algum vizinho precisou de ajuda? No chiqueiro, nada, apenas porcos pedindo comida. No potreiro, as duas vacas de leite ruminavam. Aí me lembrei de novo do cachorro, não tinha visto o Valente. Já era velho o guaipeca, mas costumava fazer barulho. Chamei por ele assobiando. A gente tinha um assobio, tipo um sinal. Toda vez que ele estava longe e eu o queria por perto, metia dois dedos na boca e assobiava. Testei nosso combinado já longe de casa. Esperei o tempo da resposta, porque Valente sempre latia e vinha correndo. Não ouvi latido. Caminhei mais e fui em direção ao fundo da propriedade onde havia uma descida, um pouco de mato e um riacho. A terra era uma faixa de quatrocentos metros de largura por mais ou menos um quilômetro. Bastante plana, apenas a descida para o riacho. A gente plantava milho, feijão e trigo, tinha uma boa horta e árvores frutíferas, alguns poucos porcos para consumo, galinhas e as duas vacas.

Assobieei mais forte e pensei ouvir um uivo fraco, como se fosse um lobo. Vinha do mato. Tive um pouco de medo, mas peguei um pedaço de pau e fui. Assobieei na entrada do mato já à beira do riacho. Então escutei um latido esganiçado e reconheci a voz do Valente. Não estava longe. Eu tinha colocado uma arapuca para pegar jacu. Pode ser que o coitado ficou preso, pensei já quase rindo e me apressei na direção.

Não precisei dar dez passos e deparei com um corpo no chão. Tive um súbito recuo, mas não tirei os olhos. Formigas sobre a cabeça entrando pelo nariz e orelha e uma enorme mancha vermelha no vestido na altura do peito. Fiquei paralisado. As forças

amoleceram as pernas. Olhava e não reagia. Era o corpo de minha mãe. Demorei um tempo, pra mim foi assim, até tomar pé da situação. Mas não melhorou nada quando passou o susto. No lugar, veio o desespero e o medo. Ergui a cabeça dela, tirei as formigas, abracei o corpo sem vida. Queria chorar. Não vieram lágrimas. Aí me dei conta de que Valente não estava ali. Chamei por ele meio por instinto. Latiu perto. Por que esse cão não vem?! Interessante como a raiva se mistura com o medo. A gente quer logo descontar em outro. O que tinha o cão com aquilo? Passei a mão no rosto da mãe morta pra afastar novamente as formigas, puxei seu corpo e pus de escora numa árvore de modo que ficasse sentada. Pesado um corpo mole. Senti que estava frio.

Água... água...

Fui atrás do cachorro. Não tivesse ido. Ele mexia as patas dianteiras, de barriga no chão, orelhas caídas. Nunca vou esquecer os olhos. Os meus deveriam estar muito abertos em desespero, os dele davam dó. Quase fechados, era como se pedisse perdão por uma enorme culpa. Ainda latia e balançava fraco a cabeça, sacudindo para o lado, sempre o mesmo lado. Pobre Valente, suas costas tinham sangue. Fui ver melhor. Ele não reclamou de minha mão na ferida, parece que foi uma paulada muito forte. Quebrou a espinha. Começou a fazer uma enorme força para se arrastar, sempre para o lado que sacudia a cabeça quando latia. Peguei o bicho no colo. Quando me ergui, levei o maior susto da minha vida: uma cabeça me espiava de dentro da água com olhos muito abertos. Só não saí em disparada porque estava paralisado de medo. Apertei Valente, que latiu. Meus olhos não tinham largado a medonha visão e foram se acostumando. Melhor se não tivessem. Por que não pisca? Nem se mexe? Não saber é mais confortável. Reconheci, ainda mais desesperado, meu pai.

Larguei Valente e pulei na água pronto para tudo. Mentira. Não estava pronto para a morte. Sim, consegui puxar o corpo para fora da água. Meus braços de adolescente jamais tinham feito tanto esforço. Ouvi sobre afogamentos e tentei ainda animar o pai, mas não houve jeito. Quando a desgraça é muito grande, a gente fica sem ação e meio bobo. Nessa altura, quase me esquecia da mãe. Corri para ela, mas não tinha o que fazer. Gritei, gritei, berrei de desespero, mas ninguém pareceu ouvir. Deixei então o Valente tomando conta, mas ele nem podia se mexer. Olhava a

mãe e latia fraco. Voltei pro pai, mas não sabia que coisa fazer. Imagina que fiquei preocupado se ele sentia frio com as roupas molhadas. Foi muito difícil me decidir. Quando fui, não fui pra casa, corri pro vizinho Pellegrini.

Do luto e da solidão não quero falar, menos ainda do enterro. Só que enterramos os dois com suas medalhas de prata pra ficarem juntos. Um mundéu de gente. Chorar eu chorei, mais a mana. Foi seu Juvêncio que procurou pelos documentos da terra. Tinham sumido. Assim como uns dias depois sumiu a mana Aninha. Veio gente da cidade, souberam de nossa situação difícil e ofereceram pra ela trabalho de doméstica. Ela foi no banco de trás do carro vermelho daquela família. Eu morava já com o vizinho Pellegrini. Tive que largar a escola e trabalhar. Valente já tinha morrido. Nos últimos dias, não comia, não latia. Deve ter ladrado muito, quando os ladrões mataram meus pais. Enterrei Valente perto do rio.

Um rapazote como eu não tinha força nem condição de lutar. Estava revoltado. Tinha uma raiva contida. Vivia quieto. Se puxavam prosa, saía de perto pra não brigar. Qualquer coisa era motivo pra encrenca. Quase não comia à mesa do vizinho que me acolheu. Depois atacava o pomar. Tinha uma fome danada. Também trabalhava muito. Modo de esquecer, mas não esquecia. Galinha, porco, vaca, arado e outro apetrechos, vendi. Pus o pouco que deu no bolso. Estava decidido a mudar de rumo, não queria mais ser agricultor. Procurei muito a fotografia da família pendurada ao lado do armário da cozinha. Nem essa lembrança pude guardar. Não deu dois meses, o delegado e mais uns homens vieram e tomaram conta das terras. Perdi tudo.

Foi nessa condição que conheci o padre, embarquei na Kombi e fui pro Vale do Ribeira fazer a revolução no campo."



III.

Canto de esperança e de sonho

O fardo da vida tem peso diverso
em tempos distintos.
Do João aos catorze
ao João dos dezoito,
do jovem afoito
ao moço perplexo
foi muito caminho
coberto de dores
recheado de amplexos.

O serviço dos moços na vila rural
do vale onde foram
gerava amizade e algum desaforo.
O padre apoiava sutil, com decoro,
mas era preciso dizer de Jesus.
Recado ao povo
que fosse de ideia social socialista
entrava na lista
do rumo da cruz
do retorno ao ovo.
E sempre de novo
esconder o pus,
tapar a ferida
em bandagem de luz.

A questão era muito mais brutal
que ensinar higiene e saúde.
Ali, quase sempre e amiúde
se morria de fome, afinal
era pouco o alimento
era pobre o cabedal.
Precisava mudar o princípio
reverter de verdade o costume

e fazer todo um novo edificio
da razão que organiza o equilíbrio
entre as forças das classes sociais.

Com paciência e jeitoso interesse,
os rapazes e moças de fora
foram sendo o arrimo de muitos
e o consolo de quem sempre chora.
Até o padre, em seus votos piedosos
percebeu dos rapazes a luta
e apoiou seu trabalho e conduta.

E o tempo corria
na vila distante
ligada a estradas
de chão e poeira.
Notícias da vida
de fora só vinham
nas ondas do rádio
e na esteira das vias.
E eram estranhas
mensagens de guerra
em cidades grandes
e grandes rivais.
Alguns perseguidos
fugiam pras matas
e outros morriam
em ações velozes
de agentes atrozés
em praças e ruas
em casas, as suas,
em quartos escuros
de porões escusos
ou frentes formosas
de catedrais.

O mundo era outro
na quase aldeia:
vivia-se a própria,

não vida alheia.
Havia policia
até delegado,
mas não o soldado
de luta na veia.
Havia o trabalho
e o mau pagamento,
havia o serviço
do campo e o sustento
difícil dos filhos.
Havia a praça:
deleite de todas as moças e moços
e do alvoroço da banda em coreto.
Da vida, esse esboço
concreto e simplório
não compreendia a razão da disputa
contada em notícias faladas, ouvidas
na igreja, em voz alta, absoluta
ou ditas no escuro à surdina.

As gentes da terra tinham suas divisões.
Os moços de fora, membros da pastoral,
sob a proteção do padre e alguma ideologia,
propagavam a igualdade entre homens,
a consciência de classe, a harmonia,
a livre associação e coisa e tal,
mas escondiam, no fundo da casa paroquial,
um suprimento de comida
e um pequeno arsenal.

O dono do armazém principal
contratou dois homens armados
pra garantir segurança de sua mercadoria.
Mas que medo haveria se tudo andava em paz?
Foi o jornal que chegou
trazido da capital
viajado pelo chão
e de poeira coberto
informando que a região

era cheia de ladrão.
Um já fora descoberto
na cidade mais vizinha.
Era um moço que dizia
ser inocente de culpa,
mas que estava condenado,
e não havia desculpa
ter fugido da cadeia
mesmo se nela apanhava.
Que direito tem um preso
se está lá pra pagar pena?
Ainda lhe dão comida,
nem precisa trabalhar.
E se dizia estudante.
Subversivo é que ele era!
Queria mudar governo,
tirar terra de quem tinha.
Esta não, que já é minha!

Enfim, a tal notícia assustou
o delegado e a polícia
e mais ainda alarmou
quem tinha posse de coisa.
Vai que a moda pega.
Foi assim que o serviço
dos moços da pastoral,
no princípio tão tranquilo,
começou a soar mal,
pois nas falas que faziam
aos boias-frias da vila
falavam da igualdade
do direito que existia
de cada qual ter seu quinhão,
fosse de terra ou trabalho,
de dinheiro ou moradia
igual a de seu patrão.
Primeiro, quando assim falavam,
soava coisa de igreja,
de caridade, bondade...

Agora seria inveja?
Aliciamento?
Rebelião?

Pra não sofrer represálias
da autoridade local
e por conselho do padre,
moços e moças se foram
pra propriedade da Igreja:
uma fazenda de terras
distante do vilarejo.
Enquanto outra providência
de mais substância viesse,
ali mesmo nessas terras
fariam a sua messe,
recrutariam no campo,
preparariam na base
a mudança da Nação.
No galpão da propriedade
montaram o seu quartel
com livros, lápis, cadernos
e fizeram sua escola,
a sua revolução.
Não distribuíram esmola
não ensinaram lutar
com armas nem de defesa.
Ao meio-dia, à mesa,
comiam o que dava o chão,
à noite ensinavam grandes,
de dia, gente miúda,
mas armaram suas defesas
em que João sempre atuava,
prevenindo contra o estranho,
esperando o inesperado.
Mas o que se deve fazer
quando chega o delegado?
Foi recebido com jeito
nem um gesto abusado,
mas ele não veio só,

com ele os dois soldados.
Mostraram escola e trabalho,
tudo em modo delicado
como quem quer ajudar
a melhorar o povoado
dedicando a mocidade
e a vida de estudante
pra ajudar essa gente
a ser dona do destino
e fazer de cada um
um cidadão com mais tino.

"E quem trabalha no campo
depois de todo esse ensino?"
perguntou o delegado
com a mão no bigode fino.
Continuou seu discurso
por rumo alternativo.

"Há quem é proprietário
há quem presta serviço;
se todos querem mandar,
não haverá mais quem faça
e para nossa região
essa é a maior desgraça,
pois todos morrem à míngua
quando se deixa a língua
ou quem sabe o coração
saber mais dessa bagaça
que é dirigir a nação.
Eu lhes dou uma semana
pra deixar de ser bacana
e sumir dessa fronteira."
Falou e virou as costas
não esperou argumento.

Foi então que aqueles moços
em silêncio e sem alarde,
apenas dois dias mais tarde,
levantaram acampamento
rumo ao mato e à resistência.

Desse dia em diante, João
deixou de ser conivente,
pois firmou em sua mente
a lição que construía:
não seria como o pai, um cordeiro ao sacrifício,
pois aprendeu dizer não antes da maioridade,
não tinha ainda profissão e nem sabia um ofício
mas compreendeu sua função:
era a clandestinidade.

E foi assim camuflando
no escondido do mato
em lugar obscuro e ignoto
que começou outra saga.
Primeiro a sobrevivência
a par da ideologia,
que não se vive de brisa
nem de sorriso e alegria.

Assim passaram dois anos
afastados dos colonos
distantes da freguesia.
Como fazer funcionar
aquilo que pretendia
o grupo de estudantes
mais alguns à revelia?

Comida bem que haveria,
pois sempre era possível
retornar à sacristia
da Fazenda do Rosário –
era assim que se dizia –
e carregar o mantimento,
enquanto a ideia cosia
as tramas contra o malfeito.

Do rádio de pilhas vinham
as notícias aquecidas
de salários desfalcados

de leis que mais oprimiam
de professores sumidos
de deputados calados
de delegados ungidos
de generais coroados
de canções de mau apelo
de cinema e desmazelo
de livros sendo queimados
de teatros já cercados
por policiais sem acenos
de atores espancados
por gestos puros e obscenos
de pessoas se calando
de burgueses controlando
a palavra do vizinho
pouco pão e pouco vinho
e muita televisão.

Diante do quadro sinistro
como apelar a ministro,
presidente ou senador?
É melhor ficar na espreita
fingir que vai à direita
para evitar qualquer dor.
E o povo se acomodava
com um sorriso em falsete
alegria entre colchetes,
enquanto outros choravam
a perda de um pai sumido,
do filho o pior gemido,
da mãe a revolta e raiva.

O padre foi portador
da informação primeira
que o rumo do grupo deu
na direção de um labor
que traria em sua esteira
tudo o que sucedeu
com João e seus companheiros.

Não iam pra luta armada,
mas seriam nessa briga
a proteção e o abrigo
dos que voltavam da guerra.
Preparariam as armas
cultivariam as terras
esconderiam amigos
e viveriam às calmas
bem longe do reboliço
e, se preciso, o sumiço
de tudo que prova fosse
da função que exerciam.

Antes tinham a palavra
como instrumento de luta,
agora outro cultivo
outro arado, outra lavra
outro remédio ou cicuta
seria o moto ativo
de manter a rebelião
de acelerar quem travava
de fincar o pé no chão.

Foi num dia de domingo,
depois de chuva demorada,
que chegou o grupo todo,
perseguido e esculhambado,
pedindo pão e abrigo,
com medo do delegado
que insistia em prender
quem fosse considerado
suspeito de traição
aos valores da nação.
Mas quem ditava os valores
do país muito assustado
não era mais a família,
nem o congresso ou Igreja,
mas outra entidade mais forte,
formada de hierarquia,

sem voz nas várias instâncias,
sem rebeldia ou disputa,
sem mazela ou ignorância.
O saber vinha do alto,
como se Deus o ditasse
em sopro mágico ao vento.
Chegava como acalanto
pra se tornar tempestade.

“Revolução no campo por igualdade de chance. Era em que eu passei a acreditar.

Já tinha se passado bom tempo nessa lida de destino marcado e de saídas estreitas. Estava na guarda. Fui chamado pra reunião. Devia ser coisa especial dizia eu comigo mesmo. Foi na reunião daquela noite, embaixo das estrelas depois da chuva, que escutei a melhor ideia da minha vida. O padre estava com a gente, comemos, falamos e ouvimos. Os chegados de recém pouco diziam, ainda choravam os mortos da fuga. Pareciam molambos de gente, mesmo com as roupas limpas e as feridas tratadas. O padre falava enrolado, estrangeiro como era, tinha vindo da Itália, mas entendi a falação. Sempre tinha otimismo no que dizia. Na maior desgraça, achava as palavras que faziam bem. Era meio comunista, mas não comunista como depois conheci. Era mais cristão que comunista. Depois descobri que tudo isso é parecido. Era o único padre que ainda frequentava o acampamento. Lá pelas tantas, a coisa que dizia foi entrando e encontrou meu coração em cheio: ‘vamos viver como se estivéssemos contando a melhor história’. Não podia ter coisa mais justa que isso.

Uns tempos depois entendi por que aquele dizer foi tão importante para mim. Na hora me tocou. Enquanto ouvia, olhava para uma das pessoas que tinham apenas chegado. Tinha cabelos de fogo arruivados. Eu a via meio de lado no escuro das lamparinas com um perfil meio delgado em corpo de bailarina e não me dei conta do conto em que estava me enredando. Foi assim, do nada, meu primeiro contato com Maria. Sim, era guerrilheira. Não como eu, meio emprestado. Guerrilheiro por desgosto. Ela tinha convicção. Tinha largado estudos. Até aí se parecia. Mas só até aí. Tinha fugido de casa. Tinha pai e mãe e irmãos. Morava em São Paulo, frequentava a faculdade. Mesma idade que eu, até uns

meses mais nova. Claro que não descobri tudo de uma vez. Isso veio aos poucos e com alguma manha.

Não sou escolado, mas tinha lido no colégio um livro português chamado *Amor de perdição*. Lembro que eu tinha orgulho de conhecer aquela história tão triste e pensei que era o jeito de chegar na moça pra uma conversa. Isso foi uma semana depois da chegada.

— Isso é baboseira burguesa!

Fiquei sem fala diante da reação dela. Me olhava estranha, como se tivesse visto um bicho de outras terras.

— De onde você veio, rapaz?

Agarrei o mote e contei minha desgraça de origem e família a ela, pensando em comovê-la.

— Conheço muitos casos assim como o seu.

Esfriou tudo outra vez. Eu pensava que tinha dito coisas singulares, daquelas que os outros querem saber sempre um pouco mais. Com ela, não. Nossa primeira conversa nada prometia. Ou melhor, ao contrário, prometia tudo: não tem conversa.

No conjunto do concerto, desafinei. Como dizia minha mãe: cantou, mas não entoou. Deixei quieto uns dias e voltei à carga. Agora estava munido de outras armas. Tinha ouvido uma prosa do padre com outro moço do grupo. Falavam de um tal de Marx, que eu não sabia quem era, mas parecia que se entendiam no que diziam. Até o padre afirmou que achava que as ideias desse homem funcionavam bem no cristianismo primitivo, que agora até a Igreja tinha virado burguesa.

Quando fui conversar com Maria, não sabia bem minha estratégia, mas ela foi aparecendo na prática, durante a conversa mesmo.

— Você concorda que a Igreja se aburguesou? — Foi a pergunta que fiz, assim meio do nada, sem preparar terreno. Eu nem sabia se dava pra dizer ‘aburguesou’.

— O que disse? — Foi a reação dela, como quem não entendeu mesmo.

Repeti a pergunta. Ela tomou um ar sério. Me olhou de cima a baixo. Balançou a cabeça como quem pondera e começou uma resposta complicada, que dava voltas e chegava sempre na mesma frase final:

— Você não acha?

Eu sacudia a cabeça afirmativamente e ela continuava.

Quando me parecia que estava esgotado o assunto, eu emendava outra pergunta.

— E Marx?

— Veja bem, a Igreja e Marx... — E a prosa se alongava e eu comecei a gostar de ouvi-la. Ela tinha o que dizer.

Foi assim que, sempre preparado com perguntas nessa linha, puxei conversa por uns dias. Parece que ela gostava de ser ouvida. Ainda hoje acho que falar, para ela, era o modo que tinha de se convencer que havia feito a escolha certa. Eu aprendi muito com ela, afinal nada sabia realmente do mundo das ideias revolucionárias. Depois que conheci os principais caminhos do pensamento que levavam à revolução, não entendia por que era preciso fazer a revolução. Afinal parecia óbvio que todos pensassem nessa mesma direção, pois o mundo seria mais feliz, haveria menos ambição, menos brigas, menos sacanagem de uns com outros... Mas isso é outra história, pois ela era esperta e percebeu que eu era um ignorante em tudo o que me dizia, mesmo assim dizia.

Eu nunca fui uma boniteza de homem, mas também não era de se jogar fora. Por outro lado, minha simplicidade e desconhecimento das razões da luta em que estava metido me faziam um quase inocente. Não sei se foi isso, se ela quis me proteger, se gostou de mim mesmo... O fato é que desaconselhavam envolvimento entre os membros do grupo, principalmente se emocionais. Diziam que na hora de fazer alguma escolha importante, quem estava envolvido não pensava direito. Não quis saber muito disso. Eu estava gostando de Maria e foi ela quem deixou a mão boba solta sobre minha perna e isso foi o começo de tudo. Era 1969, fazia frio e ouvimos no rádio que o primeiro homem americano tinha chegado na Lua. Ela não acreditou. Fez um muxoxo pra dizer que fazia parte da Guerra Fria. Me beijou quase com raiva.

Naqueles dias, eu não me interessava por outra coisa a não ser Maria. Se tinha guerra fria ou quente, se faltava comida no acampamento, se o delegado andava cada vez mais perto de nós, se era preciso armar algum plano pra se esconder melhor, se o Brasil ia bem ou mal, isso tudo nada valia perante estar com ela, ouvi-la falar de sua crença, tocá-la com gosto e sem receio, amá-la com todas as minhas forças. Eu só não gostava quando ela zombava de minha medalhinha de Santo Antônio.

Ninguém pensou em casamento, em regularizar nosso caso. Todos já sabiam de nós, e um dia nosso líder nos chamou para esclarecer os fatos.

— Vocês sabem que de uma hora para outra podem ter que fugir mato adentro e podem se perder por aí e nunca mais se ver. Vai que algum leva um tiro numa perseguição. Vocês sabem que o compromisso de vocês é com o grupo em primeiro lugar.

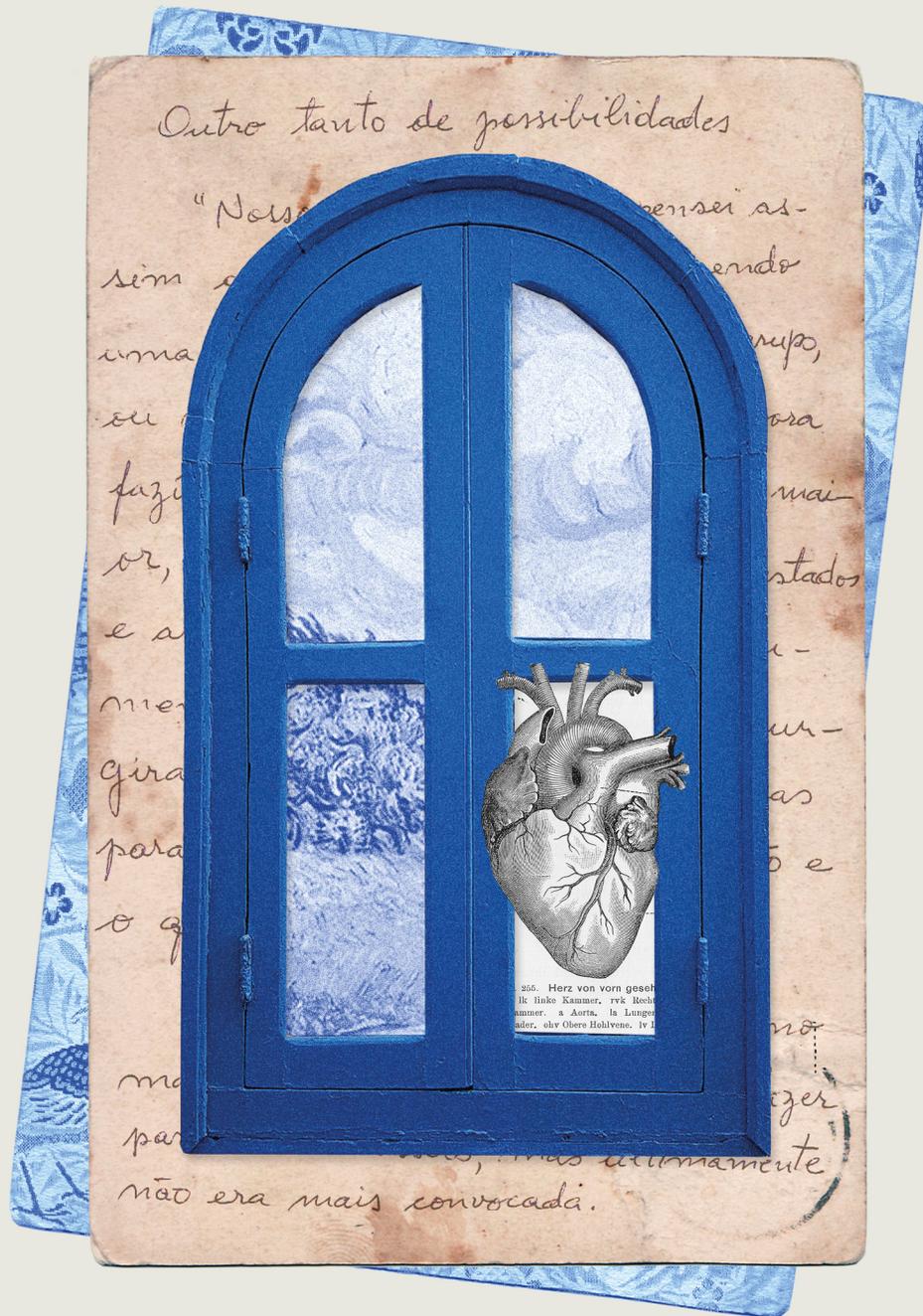
Eu disse logo, mas foi da boca pra fora, que tudo estava bem. Ela me olhou de lado, eu avermelhei, fui emendar qualquer coisa, mas não deu tempo. Ela falou:

— Pode deixar, a revolução em primeiro lugar.

— E se ficar grávida? — perguntou o líder.

— Tô me cuidando — ela respondeu firme.

Quando saímos, fomos um para cada lado. Minha consciência sabia que eu tinha mentido, mas estava pensando nas palavras dela. Será que mentiu também? Eu estava aborrecido com ela e comigo. Esperava que ela gaguejasse, que não tivesse sido tão resoluta na resposta. Será que ela também esperava isso de mim? O certo é que demoramos dois dias para retomarmos a condição anterior. Isso foi uma eternidade. Mas a reconciliação é sempre muito boa, parece que as tensões aumentam o desejo e a paixão vem com toda a força."



IV.

Outro tanto de possibilidades

“Nosso amor — sempre pensei assim aquele período — acabou sendo uma nova possibilidade para o grupo, ou melhor, para o comando. Agora fazíamos parte de um grupo bem maior, com articulação em vários estados, e as necessidades do conjunto aumentaram e novas situações surgiram, algumas até meio estranhas para mim. É o que lhe conto e o que sucedeu.

Maria e eu, a gente vivia como marido e mulher. Ela era de fazer parte das missões, mas ultimamente não era mais convocada. Eu sempre fiquei no acampamento, nunca havia participado de missão nenhuma, a não ser aquelas com os colonos da região, antes de nos refugiarmos naquele mato. Mas as coisas mudaram. O grupo precisava de alguém para observar e vigiar em São Paulo. Um casal jovem e enamorado, numa casa discreta, não daria nas vistas. O povo do grupo de lá já era manjado.

Passamos por um treinamento que envolvia desde o uso de armas até preparo para suportar tortura. Foram 15 dias difíceis principalmente porque não podíamos nos ver. Fomos separados. Dormi em chão úmido e duro, sendo acordado três a quatro vezes por noite. Comia pouquíssimo, bebia pouca água, ficava pendurado de cabeça para baixo. Até me deram leves choques com uma bateria para ver como eu reagia. Suportei tudo para ficar com Maria e também porque sabia que era apenas treinamento. Depois de tudo, viria um quase prêmio.

Para mim, a cidade grande era uma enorme novidade, mas Maria tinha vivido ali, conhecia o trânsito, o jeito de as coisas serem. Ela dirigia bem naquele trânsito e precisávamos de um carro. Nos deram um fusca bege bonito. Alugaram uma casa nas imediações de um bairro chique: Higienópolis. Nos deram algum dinheiro.

Nos primeiros dias, ambientação. Poucos contatos, apenas os indispensáveis. Éramos um casal recém-casado, em férias ainda. Ela ainda estudava direito e eu administração, ambos na PUC. Nossos pais eram fazendeiros no Paraná. Seria nossa

história, caso fosse necessário. Foi uma verdadeira lua de mel, a única que tive em minha vida e a única que me interessou ter."

João e Maria na selva de pedras
na casa de doces sem bruxa malvada
viviam o idílio de ricos amantes
viviam o sonho da mansa jornada.
A luz na janela filtrava-se amena,
na cama a preguiça, o trabalho distante...
e as horas passavam, carícias e afagos,
não houve estragos nem um só instante
de dúvida ou dor, de perdas ou quedas.
Viver plenamente o amor desejado
sentir cada gesto ou som emitido,
pensar que o desejo tão pleno sentido
é tempo correndo, é tempo marcado.
E João não pensava, apenas sentia,
pois não desejava parar de sentir.
Maria pensava e muito sentia,
e só desejava parar de sentir.

Foi curto período
intenso, porém,
que o corpo faminto
saciado também
na trégua que veio
sustado o instinto
olhasse além,
embora o receio
do tempo finito,
contivesse o grito
e encontrasse o meio
de pôr o enleio
de lado também.

"Começamos nossa atividade numa segunda-feira. Era fevereiro de 1970. Nosso fusca bege parou na praça. Ficamos ainda um tempo dentro, parados nos olhando como numa despedida. Era tempo de ação, mesmo que a nossa fosse apenas observar.

O Dourado e a Denise, sabedores do que faziam nesses casos, tinham nos dado todo o serviço. Discrição. Quando saímos do fusca, cada qual tomou um rumo. Não devíamos nos afastar muito. O objetivo era passar pela frente da embaixada de vez em quando, observar o movimento e, no final do dia, acompanhar o carro oficial do embaixador, mas de longe, sem sermos vistos. À noite era a tocaia até depois das dez. Após isso, liberdade. Voltávamos para nosso carinhoso bunker. Me perdoe se conto essas coisas, mas lembrar Maria me faz moço outra vez e a recordação fica tão viva que preciso dizer. Falar acalma essa dor que nunca calou. Agora que falo, só tenho mais vontade de continuar.

Um gole d'água, por favor.

A tensão dos primeiros dias aumentava o desejo e a gente chegava em casa apenas com fome de amor, já que durante o dia cada um ficava cuidando de uma coisa, cada qual andando pelas ruas conforme parecia melhor e comendo sanduíches em qualquer lugar. A tocaia, a gente fazia juntos, mas sempre um no carro e outro fora, meio distante. Só na noite da chuva é que ficamos juntos. Aí não deu pra segurar. O carro era pequeno, mas quando se quer, tudo é possível."

Em meio ao dever, desejo incontido
de salto maior pra dentro da vida.
Foi nesse descuido na chuva da noite
que quase turvou-se o próprio destino.

Do escuro do carro, as luzes de fora
embaçadas do ar viciado de dentro
pareciam distorcidas,
e pouco se via da rua esquecida.
Na casa observada, aceso o lume
de carro oficial que sai de mansinho
e toma caminho ao lado do fusca
e acende o farol.
No susto do ato incompleto, ao meio,
o foco irradiante de luz que ofusca,
o gesto parado, o beijo incompleto
o instante que passa e o carro que acende
na noite um sol.

“O susto daquela noite nos fez trabalhar mais a sério. Perdemos a saída do carro do embaixador. Mas pouco depois ele voltou. Só estava o motorista. Devia ter ido comprar qualquer coisa. Voltamos para casa. Naquela noite, o amor ficou em segundo plano. A gente amadurece na experiência e na dor. A dor só veio mais tarde e dela a gente não se desapega, assim como de amar. Nunca entendi por que amei Maria. Tinha tudo pra não dar certo. Penso se era apenas o corpo que amava... eu não conseguia controlar, era uma força tamanha que eu ficava cego. Se eu a via caminhar, já queria ela pra mim; se deitava na cama, era uma oferta; se levantava e voltava o rosto, era convite; se não fazia nada, estava esperando; se fazia alguma coisa, estava querendo... Se fosse só corpo, eu não sofreria ainda hoje.

Em duas semanas de trabalho, tudo estava definido: os movimentos do embaixador estavam identificados. Era homem metódico, com horários fixos e trajetos precisos. Presa fácil. Pegar um japa pra libertar outro. A ideia era boa. Mas isso eu só soube bem depois de tudo consumado. Passamos as informações e nos disseram para ficar até completar o mês na casa para não levantar suspeitas, já que o aluguel era para o mês todo.

Nesses dias, Maria começou a manifestar o desejo de rever a família que morava na cidade. Falava no assunto, pedia minha opinião. Eu sempre disse que se tivesse família não largaria. Eu sentia muita falta da minha que nunca mais poderia ver. Ela devia procurar os seus. Eu até sonhei com uma remota possibilidade de abandonar aquela vida e, com Maria e a família dela, viver de um outro modo. Quase acreditei nisso quando a vi tão doce e pensativa, sentada na cama em nosso último dia naquela casa.

A última semana nos havia aproximado mais, falávamos bastante. Os corpos pareciam pedir uma trégua e nos entregamos a outra paixão: conversar. Foi nessa época que comeci a descobrir como é bom ouvir e ser ouvido. Conheci a infância dela morando numa casa com quintal. Quase reconheceria os pais dela se os visse. Os dois irmãos mais novos, a irmã um ano mais velha. O que é feito deles? Maria nada sabia deles há mais de ano. Agora chegou a pensar no sofrimento dos pais sem notícias. Podia ao menos mandar uma carta sem remetente, sem endereço de retorno... Foi o que fez, mas quem entrou no posto do correio fui eu.

Sugeri que ela fosse até sua casa, mas ela preferiu que não. Nunca se sabia se estava ou não sendo vigiada. Os pais deviam ter feito alguma denúncia de desaparecimento e, nesses tempos de ditadura, qualquer coisa pode ser uma pista. Ela tinha razão. Era melhor apenas a carta, afinal ninguém descobriria de qual endereço veio. Além disso, no dia seguinte sairíamos de São Paulo. Eu estava preocupado, pois não sabia como seria nossa vida depois daquele período a sós. Já estava acostumado com a vida de marido e mulher. A gente aprende fácil a viver as coisas boas, difícil abandonar os apreços.”

O fusca bege passeava
pela avenida Paulista,
ocupava pouco espaço,
seguia por uma pista
como quem segue cortejo
ou faz parte de uma lista.
Não havia pretensão
de andando dar na vista.
Qualquer pouca confusão
alteraria o manejo
daquele onze de março
dos idos anos setenta.
Não foi em rua vizinha
não foi em rua qualquer,
nem se lançou mão da sorte
nem se cantou mal me quer,
mas foi na rua Bahia
que atravessa a Maranhão
que o fato aconteceu.
Não houve gritos nem mortes
nem briga nem confusão,
foi suave como a brisa
ou outro sopro qualquer,
exatas dezoito e vinte,
no bairro do Higienópolis
de onde se foi mais ao sul
pros lados de Indianópolis
sem maior susto ou dor

levando o embaixador
num fusca de cor azul.

Maria e João iam leves
pela avenida Paulista,
seguiam ordens maiores
não dariam entrevista,
pois o silêncio era a lei
de quem tinha ação mal vista.
Pra onde iria o casal
saindo assim de mansinho
como quem nada conhece
do planejado caminho?
Iriam se separar,
mas seria por pouquinho,
logo mais encontrariam
modo de estarem juntinhos.
O posto de gasolina
foi o ponto dessa estrada
em que cada um iria
pela rota planejada
e mais tarde, qualquer dia,
à casa retornariam,
a meta mais desejada.
Ela entrou no fusca velho
com mais dois de companhia
e foi rumo Ouro Velho,
por onde ele não iria.
Era um carro vermelho
de muita simbologia,
se seguisse bom conselho
no carro não entraria,
mas o destino era esse
outro querer não havia.

“Chegando ao campo de apoio, eu procurei por ela, mas ali
ninguém sabia se ela chegava hoje ou chegaria algum dia.

Esperava resignado durante a tarde e a noite. Esperar era
tortura, era dor, era um açoite. Esperar era reconhecer que faltava
alguma coisa. Foi depois de muitas horas de pensar em solidão que
tomei rumo da estrada, que segui a decisão de procurar meu amor.

Antes não tivesse ido. No fogão a fervura preparava outro
tempero, armava outra tortura para provar nosso amor.

Era dor o que nesse fogo fervia, era esse o grande cozido.
Segui rumo à vila daquele vil delegado.

Evitei a delegacia, me escondi quase na esquina, mas quando
vi a Maria entrando no Karmann Ghia e sendo puxada pra dentro,
não resisti meu instinto e gritei com muita raiva, mas o carro deu
sumiço na estrada do povoado.

Um Karmann Ghia vermelho foi que selou meu destino.
Naquele tempo eu andava com faca escondida na bota, com arma
na cinta das costas, com raiva e expectativa. Não tive outra opção,
não tive outra saída senão ir ao delegado e denunciar a rapina. E
outra vez o gesto precipitado escreveu a minha sina.

O caso daquela moça, me disseram em surdina, era de ou-
tras instâncias, de gente muito grã-fina, e de outros interesses.
Além do mais, o que fazia um Joãozinho como eu metendo bede-
lho em assunto não seu? Fosse pra casa em silêncio e deixasse
caladinha a conversa ali sentida.

Fiz que saí pela porta, mas fiquei ali na esquina observando
o movimento. O delegado não via em minha figura magra qual-
quer possibilidade e bem cedo pôs-se à larga. Eu o segui a pé,
que em vila de poucas ruas é possível descobrir onde cada qual
se esconde. E foi então que eu vi, mesmo sendo bem de longe,
o Karmann Ghia vermelho, motor ligado, ao lado de uma tapera
aonde foi o delegado.

O sangue veio nas ventas, virei bicho, virei deus. Pela janela
do carro, jogaram sacola branca e partiram na poeira. Corri veloz
como pude. O delegado não viu nem ouviu minha chegada, estava
preso ao pacote e de olho na estrada adiante. Saltei sobre o lombo
dele e nos rolamos no chão. O susto dele maior, o meu de menor
impacto. Não dei tempo pro bandido e saltei de arma na mão
pronto pra atacar e defender minha vida. As palavras não saíam, a
minha boca calou, meus olhos diziam tudo no instante do segundo

em que senti a fisgada e escutei o estampido. Puxei gatilho e virei pelo impacto que senti. Depois disso nada vi. Ao acordar no outro dia, estava na sela com curativo no braço. Delegado não havia, estava morto e eu preso. Da sacola, fiz segredo, pois ninguém a mencionou.

Veja então minha ventura: de moço enamorado e pleno de esperança, com 21 de idade me tornei um assassino e o vilão desta história. Trinta anos de prisão foi o preço que paguei pelo ato repentino de vingar a minha amada que eu sabia carregada quem sabe pra qual destino."

O processo; a espera e o medo...
Pouco tempo passou e veloz.
João calou sobre o grupo da mata,
não calou sobre a mãe e o pai.
Mas tudo o que dizia agravava
o já certo destino e seus ais.
O juiz
advogado calava e assentia,
promotor era o próprio carrasco
mas o júri quem decidiria.
Foi então que optou por falar
e agiu como apaixonado:
se matou foi em defesa própria
e para defender sua amada.
Não lhe deram ouvidos, e mais:
onde estava a amada Maria?



V.

Canto de solidão

O processo, a espera e o medo...
Pouco tempo passou e veloz.
João calou sobre o grupo da mata,
não calou sobre a mãe e o pai.
Mas tudo que dizia agravava
o já certo destino e seus ais.
O juiz o olhava com asco,
advogado calava e assentia,
promotor era o próprio carrasco
mas o júri quem decidiria.
Foi então que optou por falar
e agiu como apaixonado:
se matou foi em defesa própria
e para defender sua amada.

Não lhe deram ouvidos, e mais:
onde estava a amada Maria?
"Foi levada!" – gritou num repente.
"Era um Karmann Ghia vermelho
que partiu levantando poeira
pela estrada da velha ribeira!"
Sem Maria, sem carro e sem provas,
(Era assim que a justiça seguia:
acusado por si é culpado,
que a justiça só age com fatos,
e a defesa as provas devia
pôr ao júri da dita inocência.)
o João só obteve agravantes,
pois matara, segundo a acusa,
sem motivo, por ser diletante...

E a vida de um homem de bem,
grande esteio da nossa cidade

necessita de resposta aberta
pra que nunca e mais ninguém
que invada esta sociedade
saia impune de qualquer maldade,
e tenha a culpa selada e certa.
Assim rezava a acusação.
Assim pensava a população.

Da bala que recebeu
só ficou a linha guia:
foi o homem que morreu
que a vida defendia.

E após o veredito
era só leveza e festa:
a cidade soltou fogos,
bebeu cerveja e vinho,
comentava em burburinho
durante a missa e os jogos,
no coreto da orquestra,
na cozinha entre panelas,
na cama entre carinhos,
à noite entre afagos
no trabalho, nos caminhos...

E certamente na mata,
que escondia os descaminhos,
alguma palavra triste
algum comentário turvo
entre algum dedo em riste
e um noturno barulho...

E a Maria, o que foi dito?
Ninguém sabe ninguém viu.
Maria havia sumido
sem traço de paradeiro.
Nem a polícia sabia,
Inda men'os companheiros.
Se foi dito, ninguém sabe,

se ela soube, ninguém viu.
Maria e João separados
por destinos diferentes,
o dele era sabido,
o dela tão reticente...



Ele viveu, que sabemos,
mas dela, só uma lembrança
em olhos de solidão:
um homem respira noite
no fundo de uma prisão.

Passou soturno o portão de ferro
e entrou no espaço de muros cercado.
Já sem medalha de santo,
manietado, empurrado e zozzo,
seguiu os passos de rumo ao interno
de um corredor escuro e assombrado
em cujo fim havia aquele gonzo
dependurado, sujo e carcomido
que incomodou por anos seu ouvido.

O burburinho de vozes e escarros
por um segundo emudeceu de todo,
no instante justo que guinchou a porta.
Olharam todos pro jovem que entrava
e nele viram o joguete novo
que dessa festa era a nova torta.
E o consumiram com olhos e gestos
sem que João fizesse um protesto.

Primeiro dia dividiu a cela
com um mulato de cara redonda,
de porte médio e viso atento.
Havia um livro sobre a cama aberto.
Tinha mesa, vaso, pia e espelho,
e na parede escrito: "vai na onda".
Acomodou-se na parte de cima
e sem palavra começou a sina.

Dizer de João assim a distância
distorce a verdade e anula a visão
do que ocorreu nas quatro paredes.
Tivesse morrido na primeira infância
não padeceria aquela prisão
nem se calaria por tanto tempo
do medo e incerteza, do nojo e da dor.
Quem contou foi outro que esteve de lado,
olhava à distância e nada fazia,
também tinha medo, também receava
virar o brinquedo, seguir mesma rima.
Então o que conto não são os meus fatos,
é minha maneira, é minha visão,
mas sei com certeza, não são só boatos,
ainda que seja de segunda mão.

A humana maldade e seu desamor...
Foi feito de trapo, foi feito mulher...
Lutou por princípio, sofreu por pudor...
Na vida não vence aquele que quer...
Da vida é bem pouco com gosto e sabor...

E preso nas garras de trama cruel,
não houve saída, não houve perdão
pro moço da mata chamado João.
Comia farinha, mas bebia fel...
Vivia à mingua tão magro, tão só
que até aos bandidos já causava dó.

Na cela deitado olhava a parede
tão suja e marcada por mãos mais antigas,
pensava escrever, rasgando os dedos,
sonhava, porém, com novos castigos,
e as marcas ficavam no corpo doído...

Os dias passavam, passavam os meses,
os anos se iam sem páscoa ou natal,
mas todos os dias e não só às vezes
tomavam seu corpo como animais.
Por mais que lutasse, por mais que fizesse
as forças alheias venciam fatais
e ele prostrado, rasgado, inerte
sofria o abuso sem dizer um ai.

Um dia se soube de sua façanha:
embora franzino, embora delgado
tivera o jeito, tivera a manha
de tirar a vida de um delegado.

Houve algum silêncio em torno,
por uns dias sossegado
no seu canto abandonado
como pão dentro do forno
esperando ser assado.

Arredio, um passo atrás,
sem companhia, sem sonho...
bem pior que Alcatraz,
já vizinho do demônio,
João decidiu enfrentar
todo aquele pandemônio:
vivo ou morto, tanto faz,
e saiu do próprio ovo.

Devagarinho e com tino,
nos dias de espera e calma
foi armando seu destino
preparando sua alma

pra novo salto a pino
e alcançar libertação
da trama em que era preso
mesmo dentro da prisão.

O líder, que fazia o que quisesse,
quis novamente o que já antes tivera.
Foi empurrando João pra sua cela
e exigindo sua parte de prazer.
Não esperava, porém, a reação
e quando quis, já não tinha o que fazer:
a ponta aguda penetrou seu coração
e num só golpe perdeu tudo de uma vez
e jaz no chão com olhos de quem padece,
enquanto João sai com calma de quem sabe
que a punição lhe virá em dose dupla,
mas sai sem medo como uma nova ave
que encontra o céu, mesmo sem nenhuma prece,
que sente a alma purificada e sem culpa.

Ninguém ousou dizer palavra desse fato.
Fez-se silêncio sobre vítima e algoz.
O que morreu, não podia mais dizer.
O que viveu, ninguém disse o que ele fez.

E nesse dia fez-se o pacto do silêncio
e cessou de imediato a agressão
que João sofria desde o dia que chegou.
Foram três anos de um padecer imenso,
foram três anos de medo e solidão
que, com um gesto terrível, de emoção,
mas planejado, calculado e atento,
pôs fim a toda grande cruz que carregou.

Investigaram, pressionaram... ninguém viu...
E as águas rumaram tranquilas pro mar...
Da morte aos poucos perdeu-se o fio...
Dos vivos a vida voltou devagar.

E João criou nova rotina e tempo.
A cada evento que ali sucedia
mais se calava, mais se escondia
até o dia em que o próprio sujeito
não soube mais o que acontecia,
pois só importava o seu pensamento
e sua mente pensava Maria.

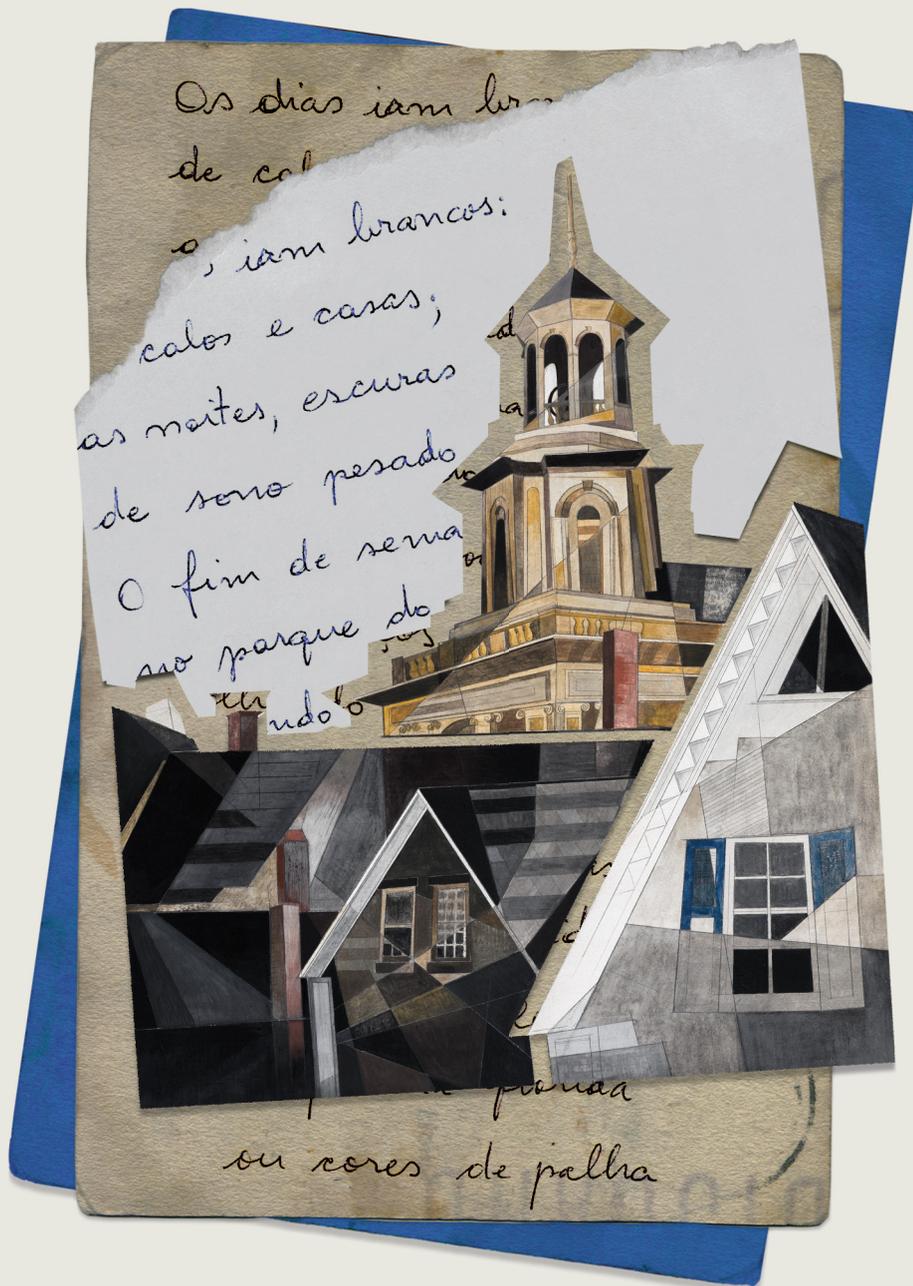
Comia calado
em seu canto só
sem deixar migalha
na roupa ou no chão.
Rasgava com calma
e até algum dó
como se fosse palha
a textura do pão.
Não deixava rasto,
não deixava pó
de sua passagem
naquela prisão.

Devia ser solto por lei e por hora,
dos vinte em cana já ia além,
mas quem se importava com dias e noites
com risos e açoites, com provas de alguém
que trinta devia? E João prosseguia
as cismas de sempre, as cismas do agora,
as cismas de então. Ergueu altos muros,
fechou as entradas e apagou a luz,
e dentro fechado suportou calado
mais tempos de cruz.

Foram-se os anos e o mutismo não.
Na prisão-fazenda, trabalhar a terra,
colher o fruto e arar o chão,
plantar a vida, arrancar a hera
semear sementes com a própria mão,
cessar o medo e calar a guerra,
preparar o húmus para o novo grão,

pois está mais perto essa nova era
de calar o sangue e ter seu perdão.

Aos vinte e um anos,
no arrebol da vida,
perdeu rumo e guia
ganhou a prisão.
Agora passados
os trinta de preso,
mais magro, mais velho
mas livre, indefeso
num mundo mudado,
sem pai nem conselho,
João quer trabalho
quer vida, quer pão.



VI.

Espantos do recomeço

"Recomeçar. Depois de tudo que passei na prisão! Os quatro primeiros anos, o sofrimento, a submissão, a revolta, a raiva, o silêncio, a liberdade que não vinha e depois o trabalho. Perdi contato com a vida de fora. Nunca recebi uma visita. Não tinha mais ninguém no mundo. Até nem sei por que me libertaram.

Aquele mês de vida em São Paulo nos anos setenta não foi suficiente pra mim. 14 de janeiro de 2001 foi o dia de minha soltura. Novo milênio, nova vida. Eu tinha até algum ânimo, mas ninguém me esperava, teria que enfrentar tudo sozinho, sem ter onde ficar ou cair morto. Dava um frio na espinha só de pensar. Deviam preparar a gente melhor para encarar a vida fora da prisão. Eu sei que tem gente que acha que preso não deve ter benefício, que deve pagar pelo crime, que não deve ter direitos iguais aos que estão livres... Realmente não têm direitos iguais. A liberdade se foi e isso é a coisa que mais incomoda. A falta dela é uma paga e tanto. Tem gente que pensa que preso deixou de ser gente, por isso deve ser tratado como bicho. A questão é que esse bicho vai voltar e, se não voltar melhor, vai causar mais problemas. Acho que cadeia devia ser uma boa escola de comportamento, de trabalho e até de estudo mesmo. A gente devia ter aula todo dia e todo dia o que fazer. Olha, ia sair da prisão muito doutor e o mundo ia ser melhor.

Na hora em que saí, olhei a cidade e não senti segurança. Como viver? Sim. Devolveram minha medalha de Santo Antônio, dinheiro para um mês, afinal trabalhei duro nos últimos anos plantando e colhendo nas terras da prisão. Me pagaram algo para recomeçar, mas sem orientação e por trinta anos fora do sistema... Fazer o quê? Prevenido e ainda com costumes guardados dos tempos em que me escondi no mato, tomei atitudes que não me ajudaram, pois mais me escondia que vivia. Morava meio refugiado na estação do trem. Dormia num canto escuro, acordava a cada rumor, mas em cidade pequena pouco barulho há na madrugada. Então vinha o trem. Duas mudas de roupa, uma sacola

que me deram na saída da prisão, um sapato meio usado, um casaco — aqui é frio. Arranjei uma havaiana, gesticulando na vizinhança. Prometi a mim mesmo não falar. Seria um mudo, mas escutava bem. Comia num posto da prefeitura uma sopa de almoço e outra sopa na janta.

Como um ser assim, em cidade pequena onde todos se conhecem, malvestido, com esses antecedentes, vai receber confiança de quem quer que seja? Prisão é fábrica de criminosos, não é o que dizem? Pra quem não tem onde cair morto e sem confiança procura trabalho, o que encontra é apenas insucesso. Sabia escrever, então fiz um bilhete pra pedir trabalho aonde chegava. Em menos de um mês, fiquei sem opção, então deixei Piraquara e vim a Curitiba.

Tinha um plano, óbvio: arrumar o que fazer. Na prisão, fizeram a carteira de trabalho. Minha primeira. Eu nem tinha identidade quando fui preso. Tiveram que fazer pra poder me processar. Imagine processar um homem sem identidade... Agora eu era um homem completo: certidão de nascimento, carteira de identidade e de trabalho. Só faltava passaporte. Mas viajar para onde e por quê?

Quando eu ia imaginar que chegaria ao século XXI?! 2001, ano de minha libertação. Fui preso como preso comum, assassino apenas, não como revolucionário. Por isso não sofri tortura, nem fui interrogado para delatar companheiros. Por outro lado, não tive os benefícios que aqueles receberam em 1979 com a anistia. Disseram que matei de raiva, porque o delegado não atendeu minha queixa feita na delegacia. Nem disseram que queixa foi. Dizem que matei por vingança. Sabem nada! Matar eu matei, mas paguei bem mais do que devia.

Mariana você se chama... Mais água, por favor. Onde foi que ouvi esse nome? Tá nos quartos da memória, trancado com muitas chaves de ferrolhos enferrujados e muita teia de aranha. Seu nome não me é estranho, agora que penso um pouco e falo depois de muito. Soa como voz de um passado, de uma lembrança distante, quase morta, mas ainda escondida em algum canto, mostrando um aceno vago de quem quer ser descoberto.

Vim andando a Curitiba. Passei pelo primeiro hipermercado que conheci, o Carrefour de Pinhais, e não resisti sem entrar, de grande que era. Só o mercado parecia uma cidade. Me disseram quase gritando que ali foi o primeiro shopping center de Curitiba.

Pensavam que eu fosse surdo. Faziam gestos, assim como eu. Tinha aprendido na prisão alguns para o essencial. Bem que vi uma enorme construção abandonada, pelo menos sem aparente serventia. O mundo tinha mesmo mudado. Eu até via alguma coisa pela tevê da prisão, mas era mais futebol. Às vezes mostravam a cidade, durante algum jornal. Via que as coisas tinham mudado, mas assim de verdade fica diferente. Até parece que eu estava em outro país. Imagine um hipermercado com esse nome estrangeiro... Estava com fome e sede, comprei um sanduíche, mas bebi água na torneira do banheiro. Onde já se viu pagar pela água!

Tentei, mas não me deram trabalho ali. Fiquei sabendo que tinha uma cota para deficientes e pensei em me qualificar como mudo. Até podia ser útil, pois não perderia tempo conversando fiado no trabalho, mas, pensando bem, eu não poderia aceitar uma vaga assim. Também não tinha mesmo. Tudo completo. É que já tinham passado as festas de fim de ano. Fui.

Andança longa na paisagem da cidade. Cheguei na praça Rui Barbosa no anoitecer. O ônibus vermelhão quase me pegou no cruzamento da rua Westphalen. Era um mundéu de gente e um agito de transporte... Para onde vai todo esse povo? Era dia quente, não chovia. Milagre curitibano! A cidade me recebia bem, mas eu não tinha onde cair morto.

Uma porção de gente com cara de sofrimento caminhava ao lado das filas de pessoas que esperavam o ônibus. Mãos estendidas. Pediam. Tive vergonha de pedir assim descaradamente.

Foi escurecendo mais, mas continuava dia. A iluminação deixava tudo à vista. Foram passando as horas e o vazio do estômago apertando. Não sabia onde arranjar comida. Já rareavam as pessoas nos transportes. Os pedintes sumiram e eu continuava sentado no pé de uma árvore da praça. Os bancos estavam todos tomados por mendigos ou necessitados como eu. Eles tinham papelões sobre os quais deitavam e se cobriam com jornal, outros até tinham um cobertor. Eu também tinha o meu enrolado na sacola. Perto de alguns, o meu parecia novo.

Quando a fome apertou mais, tomei coragem, entrei na padaria da esquina e entreguei o meu bilhete a uma moça. Ela olhou e me apontou o homem que atendia no caixa. Entreguei o bilhete outra vez, ele me olhou com uma mistura de dó e aversão. Sacudiu a cabeça negativamente. Eu gesticulei para dizer

que precisava trabalhar para comer. Ele ergueu os dois braços lateralmente. Abaixei a cabeça e ia saindo. Aí ele gritou. Será que surdo escuta se for grito? 'Ei, moço!' Não sou moço, então continuei andando rumo à porta. Um homem que olhava pôs a mão em meu ombro e apontou para o caixa. Naquela noite ganhei um sanduíche de pão com mortadela, que comi com gosto já na praça. Dormi aí mesmo, meio sentado, meio deitado. Acordei com dor no pescoço.

Na manhã seguinte encontrei parte de minha salvação para a fome. Descobri que embaixo do viaduto da rodoviária serviam uma refeição por um real. Eu ainda tinha alguns reais, o que me garantia comer por uns dias.

Foi entre esses necessitados que conheci Antônio. Era favelado, por isso quase não falava. Tinha vergonha. Como eu me calava e todos pensavam que eu fosse mudo, ele me procurou gesticulando e falando meio esganiçado. Fiz ele entender que devia falar de frente para mim que eu entenderia. Ficou feliz. Nunca disse uma palavra a ele. Não conheceu minha voz, mas tornou-se um bom companheiro de rua. Em dois a gente se protegia. Ele admirava o fato de eu ter carteira de trabalho, de saber ler e escrever. Depois de uns dias em que me acompanhava enquanto eu procurava trabalho e ficava do lado de fora torcendo para mim, tive vontade de começar a falar, mas creio que seria uma enorme decepção para ele. Saberia que fui falso todos esses dias, perderia sua companhia que me fazia muito bem. Afinal, há muito eu era só. A última vez que me lembro de ter sentido a solidariedade foi há muito tempo, ainda no grupo com Maria.

Nesses dias, juro que procurei o que fazer. Chegava nos locais, mostrava o bilhete junto com a carteira de trabalho e a identidade. Lavei pratos por um dia numa lanchonete da rua XV, tinha experiência de casa e da prisão, mas o ajudante costureiro chegou mais tarde e me fez quebrar um prato, perdi o trabalho e nem ganhei pelo que fiz; depois ajudei a carregar coisas na praça Osório, tinha uma feira; comecei a orientar carros a estacionar na rua pra ganhar trocados, mas sempre aparecia alguém dizendo que era dono do ponto; parava na esquina ao lado dos carros, a maioria fechava a janela, mas sempre rendia algum trocado. Tem gente que dá porque se sente culpada. Mas quando dá alguma esmola, faz com nojo de tocar na mão que recebe. Até

tem razão, afinal quase nunca dá pra lavar as mãos, nem depois de urinar. Enfim, foi assim até o carnaval em final de fevereiro. Meu problema era dormir, me lavar, cuidar de minha roupa. Havia um banheiro na praça Osório, mas servia apenas para necessidades indispensáveis. Lavei a camiseta na pia de lavar as mãos duas vezes, mas sem sabão. Tirou o pior, mas o cheiro... Gente fede mais que bicho. A cada dia eu ficava mais sujo, virei molambo humano e não tinha mais coragem de entrar em lugar nenhum para pedir trabalho.

Antônio já tinha as manhas para passar as noites e viramos parceiros de marquises, vãos de portas, pontos de ônibus. O problema é que em Curitiba chove muito. Nas noites de chuva sempre era mais difícil, mas a gente se acostuma. Um dia arrumei uma caixa grande de papelão que nos serviu de proteção por várias noites. Antônio e eu. Depois descobrimos uma entrada lateral da escola que fica ali na esquina da Westphalen com a Silva Jardim. Tinha uma cobertura grande e a gente ficava em vários ali abrigados. Como ninguém entrava por aquela porta, a gente podia ficar até mais tarde. Lá pelas nove sempre aparecia alguém da instituição para mandar a gente sair. Mas não é espaço público? Sei, a gente era sujo, fedia, a gente não combinava com o lugar. Passei por lá não faz muito tempo, agora está tudo fechado, cercado. Ninguém mais dorme ali.

Um dia eu andava pela Marechal Deodoro, perto do correio, aquele prédio antigo. Andava distraído e desanimado, as oportunidades estavam indo embora. Dizem que só aparecem oportunidades de trabalho depois do carnaval, que início de ano é sempre assim meio parado, muitas festas, férias... mas não é isso que quero contar. Tinha carros estacionados no lado da rua. Vi dois rapazes entrando em um carro, mas não dei importância, só depois da gritaria. O carro estava arrancando quando começou atrás de mim uma gritaria: 'Ladrão! Pare o carro! Polícia! Polícia!'. Nem deu tempo de me virar e levei um encontrão do homem que gritava e corria em direção do carro que já ganhava a rua. O homem se meteu na frente do carro, mas jogaram a máquina em cima dele e foi jogado para o lado. Quando passaram pelo homem no chão, um tiro. Eu me joguei atrás de outro carro estacionado. Os ladrões fugiram, por sorte não acertaram o homem no chão, que ficou com a calça rasgada no joelho. Depois apareceram

dois policiais e amontoou gente. Eu tratei de ficar meio de lado com medo de ser implicado. No dia seguinte, o Antônio me contava que tinha ouvido falar de um assalto com duas mortes e os ladrões fugiram num Escort verde. Era o carro roubado.

Minha vida de rua presenciou muitos furtos e roubos na XV e na Marechal. Os ladrões, na maioria, eram adolescentes em grupo. Quando o roubado se dava conta pelo empurrão recebido e o vazio no bolso, o ladrãozinho já tinha passado a carteira para outro que andava tranquilamente pela rua, enquanto o moleque corria como doido em direção a uma praça ou pelo meio da multidão. Sabiam bem onde desaparecer. Um dia um saiu correndo com algo na mão como se fosse uma carteira e um senhor olhava atônito para trás sem entender o que acontecia. Eu passava ao lado do homem e disse a ele do moleque que corria. Ele tinha o nariz vermelho e a cara meio inchada de gripe. Então ele pôs a mão no bolso e abriu um sorriso exclamando: 'Levaram meu lenço!..'

Durante os dias de carnaval, a cidade ficou meio vazia. As ruas centrais eu já conhecia bem, mas as armações do desfile das escolas de samba aconteceram na rua do palácio do governo, a Cândido de Abreu. Lugar bonito, aberto. Eu nunca tinha visto um desfile e fiquei com Antônio na calçada esperando. Primeiro passaram os velhinhos e velhinhas do Rancho das Flores. Caramba, como dançavam alegres! Roupas coloridas, sorrisos... pareciam recuperar os anos. Olha que tinha algumas senhoras com mais de setenta anos... Quando anunciaram a primeira escola, meus olhos começaram a brilhar, porque na frente vinha um grupo de mulheres, moças ainda, usando roupa íntima. Fiquei atrapalhado, meio sem graça. Na prisão a gente não via carnaval na tevê, diziam que só dava problema. A gente só via o noticiário do dia seguinte. Mas ver na tevê não é igual a ver de verdade. Agora até entendo por que não deixavam ver na prisão: era tarde, hora de dormir. Imagine a loucura! Aqueles homens sem mulher... Deus que me livre disso outra vez!! Mas no desfile, era bonito quando passavam os grupos de pessoas todos vestidos do mesmo jeito, com roupas de antigamente. Cada escola tinha um nome diferente. Me lembro de Embaixadores da Alegria, Mocidade Azul, Acadêmicos da Realeza. Parecia gente importante, mas depois fiquei sabendo que a maioria era gente de bairro, meio remediada,

que aproveitava a data para fazer o exagero do ano. Acho que tem gente que aproveita o carnaval pra ser o que não pode na vida.

Naquela madrugada dormimos por aí mesmo. No dia seguinte, já sem desfile, também nos abancamos embaixo das estruturas de bancos para o público, mas fomos acordados por alguém que me cutucava o ombro e já falava com Antônio. Pediram para me erguer e entrar numa Kombi com minhas coisas. Antônio não queria ir. Gritava para eu não ir também. Pareciam autoridades, mas não tratavam mal. Fui. Antônio correu.

Assim eu conheci a Fundação de Ação Social. Me deram de comer, de vestir, me deixaram dormir muito, depois arranjaram o que fazer na horta do local. O lugar era limpo e tinha o que eu precisava. Mas alguns resmungavam que queriam retornar para as ruas, que eram livres, que não podiam ficar. Bem que gostaram de comer e receber roupas limpas, mas alguma coisa chamava por eles do lado de fora. Não era uma prisão, a gente podia ir se quisesse. Para mim, até pensei ter ganhado algum prêmio. Não entendi Antônio, mas devia pensar como os que não ficaram. Por que preferiam as ruas? Foi nessa época que comecei entender que não tinha ainda chegado ao fundo do poço. Eu ainda queria me salvar, ainda tinha desejo de alguma coisa. Os outros tinham perdido qualquer ilusão, muitos afundados nas drogas e outros vícios, sentiam falta, sofriam muito sem e faziam qualquer coisa para conseguir o consolo temporário que procuravam, até aceitavam as roupas limpas que recebiam, mas apenas porque, com elas, os cabelos cortados e limpos teriam aparência menos assustadora para o novo golpe. Descobri que pedinte mais limpo recebe mais moedas. Quanto mais molambento, mais desprezado.

Como eu não usava drogas e tinha jeito pro trabalho, uma assistente social me arrumou um emprego de pedreiro. Isso já foi por meados de março. Com quase 52 anos, uma vida pela frente, apesar de tudo, saúde nunca faltou, resolvi encarar os dias e sair da total miséria.

Auxiliar de pedreiro foi como eu comecei. Um ano de aprendizado com o chefe da obra, já assentava azulejo com muito tino e competência. Nesse tempo morei em quarto de pensão. Abri conta em banco pra receber o salário. No começo era o mínimo, mas pagava o viver. Quem viveu numa prisão não tem muitas necessidades, está bem acostumado a ter nada e achar bom. No

sábado à tarde, quando comprei minha primeira camisa na loja da rua Pedro Ivo, quase fiz besteira, pois fui comemorar bebendo uma cerveja no boteco ali da esquina. Fiquei tonto. Tive que ficar sentado e comer uma coxinha pra energia voltar. Sou fraco pra bebidas. Não tinha e não tenho amigos. Trabalho. É só o que sei.

Me tornei o mudinho João que assenta azulejos como ninguém. Trabalho sozinho, afinal tenho profissão e habilidade. Não gosto de ajudante, querem sempre conversar e atrasam o serviço. A massa para assentar azulejo já vem quase pronta e eu sei bem o ponto para fazer direito. Pensei em trabalhar por conta, mas teria que sair procurando serviço, então fiquei na construtora. Salário garantido todo mês, passei a ganhar melhor, bem melhor, e não faltava serviço. Além do mais, tinha meu final de semana livre e parecia que as coisas da construção civil iam bem, sem perigo de desemprego. Mudei para um quarto com banheiro e cozinha, pois precisava fazer minha janta e morar com algum conforto. Almoço, tinha a marmitta da construtora, parecida com a comida da prisão: sustentava o suficiente. Comer fora era muito caro. Viver no centro também. Por isso fui morar no bairro Barreirinha. Além do mais, estava trabalhando ali perto na construção de um edifício de apartamentos.

Desde o tempo que me recolheram da rua, nunca mais fui ao sopão, não vi mais Antônio."

VII.

Canto de rotina

Os dias iam brancos:
de calos e casas;
as noites, escuras
de sono pesado.
O fim de semana
no parque do bairro
comendo pipocas
ou pedaços de pão,
olhando crianças
em torno do lago
e dando migalhas
na grama perdidas
a pássaros leves
de pluma florida
ou cores de palha
que catavam restos
de um caminho falho
de rumo disperso
de futuro vão.

A vida ia mansa
a vida ia plana
a vida ia oca.

E vinham lembranças
e vinham saudades
de um tempo de infância
das tenras idades
da mãe e da mana,
do pai, da cidade
pequena em torno
da igreja local,
da missa, da escola

"Recomeçar. Depois de tudo que
passei na prisão! Os quatro primeiros
anos, o sofrimento, a submissão, a
revolta, a raiva, o silêncio, a liberdade
que não vinha com o trabalho.

Perdi com... Nunca
recebi... nin-
guém... que
me...



nos ar... Paulo
ente para
min. 14... foi o dia
de minha soltura. Novo milênio, nova
vida. Eu tinha até algum ânimo, mas
ninguém me esperava...

das bolas de gude,
do rio, dos açudes,
do som da viola
em noite de lua,
da fala na rua
de volta da festa,
da pequena fresta
por onde espiava,
porém nada via
do que desejava,
mas era alegria
tentar afinal.

Na tarde de sol
na sombra dos ramos
de ipê amarelo
pensava nos dias
nos meses nos anos,
nas noites de insônia,
nas noites de sono,
e tudo dizia
da ausência sentida
da coisa mais bela
ainda querida
que o deixou só
naquela avenida,
e num rastro de pó
de um carro vermelho
ficou de joelhos,
de alma fendida
sem rumo e via,
enquanto olhava,
mas nada lia
da placa cinza
de um Karmann Ghia.



Quando vinham pensamentos dessa sorte,
a João só restava uma saída:
levantava, caminhava, insistia
em calar aquela voz feita de morte.

Mas o tempo é senhor e consulente,
sabe bem que as horas são remédio
que atuam contra a dor e contra o tédio
e transformam o sentir de todo ente.

Já suado de andar pelos caminhos
daquele parque de águas e arvoredos,
a cada passo um odor ou distração

o tirava do cismar do coração
e colocava novos pássaros no ninho
onde morava seu silêncio e seu segredo.



Todo domingo repetia essa rotina.
Mas se chovesse? (e chove tanto nesta terra)
João mergulhava por inteiro em poço fundo
e nem comia, nem dormia, só sonhava
com o impossível reviver de uma quimera,
com o retorno de outro tempo, outro mundo,
com um passado que por dentro carcomia
todo futuro, sobre o qual jamais pensava.

Segunda-feira era sempre o dia certo
pra começar outra vez a vida justa,
pois no trabalho esquecia sua angústia
e navegava águas boas, sem deserto.



Era, então, uma sexta-feira
com perspectiva esquisita
véspera de festa e feriado
fim de semana alongado
sem tarefa, enfim, prescrita,
com rotina domingueira.

Era, então, uma sexta-feira
mas esta com ares tristes
de uma dor indelével
como da morte de alguém
importante e sem família
mas de todos meio amigo.
Ninguém chorava, porém
a natureza fazia silêncio,
menos carros pelas ruas
em andar mais compassivo,
menos gente à procura
e com o olhar mais sereno,
mais espaços pelas trilhas
do parque mudo e ameno
e um certo vazio da alma
preenchendo outros medos.

Naquela manhã tão calma
de brisa e nuvens vãs
no parque do Barreirinha,

João olhava as próprias mãos,
seus calos e suas marcas
de uma atividade tanta,
e ali parado pensava
e ali calado cismava...
Era Sexta-feira Santa.

Remota recordação
dos idos da infância morta
falava ao coração
e ali chegava torcida
andando por ruas tortas:
eram ritos esquecidos
eram sons quase sumidos
eram desvãos de portas
meio abertas e perspectivas
perdidas em via deserta
onde entrar era convite
mas sair, só quando acorda.

Era Sexta-feira Santa
de medos, perdas e cismas.
Mas era uma sexta-feira
com ares de nova sina.
Não se batia o martelo,
não se gritava ou xingava,
não se tocava viola,
não se agitava o chinelo.
Não era dia de escola,
não se corria ou cantava
não se sofria o marmelo,
mas se dava sempre esmola,
sem pular polichinelo;
não se usava a enxada
nem carregava sacola,
não se comia bisteca
nem se bebia cachaça...
Ia-se à igreja e rezava
pra alma não sei de quem:

se daquele que morreu
ou do que perdeu alguém.
Ia-se à igreja em silêncio
procurando por conforto,
encontravam não um berço
mas a aura de um morto.

João levantou-se do banco
em que sentado pensava
e saiu pela rua afora
sem rumo certo ou projeto...
Andou quadras, viu as casas,
mas só via o de fora,
suas gentes eram quietas
em dia em que não se fala.
Passou em frente ao mercado
viu o nome na dianteira,
estava de portas fechadas
sem carrinhos, sem bandeiras
e outra vez sua infância
de rezas mudas falava
de panos roxos e cruzes,
de medos, de muitas ânsias,
de procissão nas estradas,
de silêncios e receios,
de acordar na madrugada
sem ouvir som ou gorjeio,
como se a própria vida
parasse assim no meio
do que estivesse fazendo,
e parada esperasse
um ressurgir, um floreio
de música nova e viva,
um retornar para a lida,
um vencedor do torneio.

Era, então, uma sexta-feira
com perspectiva esquisita
véspera de festa e feriado

fim de semana alongado
sem tarefa, enfim, prescrita,
com rotina domingueira.
Era dia de espera
era noite de espanto
era noite de vigília
era Sexta-feira Santa.



A construção amarela
de torre alta na frente,
estreitas e altas janelas
com cerca de proteção,
paliçada de cimento
e escada de corrimão,
de porta aberta ao intento
de quem subisse os degraus
fosse pagão, fosse crente,
abriu a curiosidade
do passante de improviso
que caminhava sem rumo
indo assim, sem ar de riso
sem desejo de consumo
sem vigor de humanidade
sem ensejo de vidente
sem querer ou bem ou mal.

Eram anos e mais anos
que não entrava em igreja.
Foi olhando porta adentro
meio curioso, arredio:
uma mistura de odores
de velas e de incenso,

eram luzes meio tenras
eram sons e ecos longos...
No vitral, Virgem Maria
no altar, uns panos roxos
nas paredes, sacrifício,
cores suaves, suplicio,
em cada banco um pedinte,
um fiel ou um perdido.

Ajoelhou, se lembrava,
e fez o pelo sinal.
Já não sabia de rezas,
de pecado, de perdão.
Olhava tudo sem medo,
mas também sem contrição.
Olhava porque... porque olhava...
e como não via nada
- nenhuma coisa em si -
era como se olhasse
na verdade para si.
Não que fosse egoísmo
ou excesso de confiança,
o lugar era um espelho
e o que olhava fora
só parecia reflexo
da sua forma interior,
e em cada coisa que via
tinha pouca alegria,
muita tristeza e dor.
Foi então que percebeu
com clareza a condição
de todo homem plebeu:
sofre aqui e sonha além,
carrega com devoção
a sina da profissão
e a tudo diz amém.

Mas o lugar era calmo
e tinha seu bem-estar.

Então começou, atento,
um minucioso observar:
tinha um que se benzia
três vezes e beijava a cruz,
outro fechava os olhos,
mãos postas, cabeça ao céu,
um terceiro cabisbaixo
com atitude de réu
murmurava sem o som
esperando algum milagre
esperando algum senão.
Uma mulher com um véu
cobria o cabelo negro
que caía sobre os ombros
nus como fora Eva,
outra portava o rosário
que corria entre os dedos,
cada conta um segredo,
cada reza um pecado.
Foi a terceira mulher
que chamou sua atenção:
não tinha véu na cabeça,
não carregava apetrecho,
o seu vestido era preto,
o seu cabelo grisalho,
estava apenas sentada
como ele e observava.

João levantou, deu dois passos
e foi visto.
Os seus olhos se encontraram:
um corisco,
um susto,
um frísio...
um franzir de sobrancelhas
um mútuo gesto parado
um mudo interrogativo...
Ela se ergueu devagar
para pegar mais firmeza

e não lhe faltar o chão,
e estendendo lenta a mão
com leve delicadeza
murmurou tão fraco o som
que ele não teve certeza
da fala mal definida.
A mão também estendeu
num gesto de quem convida
e então ouviu mais claro
seu nome naquela ermida.
"Aninha!" – pôde exclamar
com voz clara e comovida,
e puxou-a ao coração:
"Minha irmãzinha querida!"

Para quem tanto calara
a voz veio apetecida,
quase um grito,
quase um canto
de uma canção esquecida,
um solfejo
um floreio
uma harmonia florida.

Mas como se conheceram
depois de tanta distância
e tanta dor percorrida?
Foi a medalha de prata,
única posse protegida
e jamais abandonada
pelos membros da família.

No silêncio do ambiente
houve olhares repressivos:
o lugar era dos mortos
e eles estavam bem vivos.
Ambos com os dedos nos lábios
em sinal bem sugestivo,
lembrando tempos já idos

de doce-amargos ressaibos,
caminharam abraçados
rumo à praça e seu destino.



VIII.

Outro tanto de tortura

"Então numa Sexta-feira Santa encontrei por acaso, dentro da igreja do bairro Barreirinha, a minha querida e esquecida irmã Aninha. Morava ali pertinho da igreja, numa casa verde de janelas cor-de-palha. Nosso encontro foi comovente. Foi uma alegria que não cabia no peito. Não imaginava um dia poder achá-la assim, do nada, sem esperar. Conteí depois a minha história e ela a sua!"

Num momento assim, de encontro,
não se contam dores e ais
não se lamentam as perdas
não se jogam mais escombros
não se fazem aumentar mais
os desfalques e vazios.
O que se quer é o abraço
o calor do coração
o estremecer de arrepios
o preencher os espaços
o apoiar-se nos ombros
um do outro e deixar solto
o choro, a lágrima, a flor
que brota convulsa
no soluço incontrolado
do coração apertado
que encontra o corpo aberto
pra soltar enfim seu pranto.

Passado o primeiro impulso
de toques e de carícias
na escadaria da igreja,
Ana conduziu o irmão
até uma rua vizinha
e em frente a uma casa verde
parou, abriu o portão,

e o convidou a entrar.
Era uma casa pequena
de janelas cor-de-palha,
porta clara, sala limpa
e cozinha acolhedora.
Em cima da geladeira
o calendário do ano
e ao lado do armário
afixado com um prego
a moldura de um retrato,
o retrato procurado,
amarelado do tempo,
apagado da memória
pelos revezes da vida:
era a foto da família.

Olhava tanto aquela foto...
Queria entrar mesmo nela,
voltar o rumo e a idade
ao arrepio do destino,
então ouviu sua irmã
e à pergunta que fazia,
preferiu não responder,
fazer que não a ouvia.
Por que pisar em chão frio
se era tão quente a cozinha?
Mas a irmã insistiu
e acariciou suas costas,
estava curiosa em saber,
queria alguma resposta.

Abraçados, de mão dadas,
às vezes sentados juntos
no sofá de dois lugares,
João foi contando os detalhes
de seu passado sofrido.
Disse tudo sem receios
de repreensão ou acusa,
abriu o seu coração

depois de anos recluso,
falou de sua promessa
de silêncio, e mais contou
da prisão e dos abusos,
das ameaças de morte,
da vida em estado mudo,
e, enfim, de sua sorte
de reencontrar no mundo
sua irmã há tanto ida.

Mas foi a pergunta de João
que desencadeou ferida,
pois da história da irmã
veio fora dolorida
a nova revelação,
o novo rumo da vida.

"Foi assim que ela me contou, e repasso o que me lembro, do jeito meu e com minhas palavras, porque ela falava de um modo diferente do meu, tinha um jeito de dizer diferente do da infância. O jeito era outro, mas a história é como conto."

Ah! Meu irmão querido! Começo com as coisas boas. Esta casa é minha, comprei e está paga. Um pouco foi sorte, outro tanto desespero. Chegaremos a isso logo.

Tenho vergonha de contar todos os lances da desventura que vivi e ainda vivo.

Então ela levantou
da cadeira em que sentava,
deu dois passos e parou,
voltou-se desajeitada,
só então ele notou
o quanto ela era magra.
Nada disse, mas olhou
com expressão um pouco vaga
de quem algo quer dizer,
mas lhe faltam as palavras.

Ao retornar da cozinha onde fora buscar água também trazia nas mãos dois comprimidos cor clara, os dois na boca enfiou e engoliu com muita calma, usando a água do copo como se lavasse a alma.

Como vê, meu irmão, estou doente de doença grande e feia. Assim começou ela dizendo. Cinco remédios por dia, mais uns cuidados e vou levando até não sei quando. Mas também isso conto na hora oportuna. Quero voltar ao começo e seguir no prumo justo. Por tantas vezes ensaiei fazer essa contação, mas me faltava você pra tudo fazer sentido.

Lembra aquele dia em que fui com a família que me levou pra cidade? Pois olha, fui a Londrina trabalhar como empregada. Moravam em casa grande, com dois filhos e com dois carros. Ele era engenheiro, ela era advogada, cada qual com suas lidas, cada qual com os seus casos. E dos filhos tomei conta desde o dia da chegada. Dava banho, alimentava, brincava e me divertia. E assim passaram dois anos, mas pra tudo chega o dia: o casal se separou e fiz parte da partilha. Fiquei com a mãe e as crianças no apartamento em frente ao lago. Minha função foi mudando. Com as crianças mais crescidas, passei a fazer faxina, mas no final de semana, levava os filhos dela a ver vitrinas e caminhava no parque e escutava buzinas, pensando que era pra eles, mas buzonavam pra mim. Até que certo domingo, caminhando à beira d'água, em cada mão um menino, de repente se soltaram e correram em direção do pai que vinha do lado oposto. Não os parei, afinal se tratava de seu pai. Ele me olhou e disse com segurança: "Eles vão tomar sorvete comigo ali na Caramba". Fiz menção de dar o passo para acompanhar os três, mas ele me olhou de novo e foi o que disse essa vez: "Eu os trago pra você, descanse um pouco e espere". Fiquei tranquila e sentei num banco à beira do lago, por onde passava gente de todo tipo e calibre.

Então o homem sentou bem na pontinha do banco, pediu licença e ficou olhando a água barrenta. Não dei importância ao fato, afinal tem seu direito de sentar onde bem quer. Não estava

incomodando, ou pronunciando uma palavra sequer. Eu fiquei ali olhando com ares de malmequer a água e seu movimento, sonhando uma coisa qualquer: um noivo, um casamento...

Ainda não era hora do retorno das crianças. Levantei, dei alguns passos, nem percebi o movimento do homem que se sentara no meu banco de cimento. Senti apenas as mãos apertando o meu braço. Foi então que um calafrio me percorreu por inteiro e ele puxava meu corpo aturdido em formigueiro, enquanto me vinha um cheiro de hospital, de creolina, de coisa ruim, e apaguei.

Não sei quanto tempo foi. Me disseram que foi logo. Só me lembro das crianças chorando ao meu redor e uma aglomeração de gente, uma confusão de pessoas. O engenheiro ao lado soprava o meu rosto aturdido. Só então eu percebi que estava ainda no parque. Me disseram que caí, mas não fazia sentido. Procurei aquele homem, não era meu conhecido, e não notei a presença, mas aquele cheiro intenso permanecia nas ventas e me irritava o nariz.

O episódio serviu para meu novo destino.

Voltei à minha rotina de limpeza e de trabalho. Nem podia reclamar, comia bem, era paga, mas nunca tirava férias, nem tinha dia de folga. Mas na vida tudo vira de cabeça para baixo quando menos se espera. O engenheiro acertou com a ex-mulher advogada que um dia na semana eu seria emprestada para limpar, lavar, enfim, para serviços gerais.

O dia era sexta-feira. Começava de manhã, terminava já era noite. Ele deixava na mesa o dinheiro daquele trabalho extra. Na casa da advogada não diminuiu um tostão. Então descobri que era bom o novo trabalho. Voltava sempre de ônibus. Tinha uma vida correta. Depois de um tempo comprei até uma bicicleta para ir e vir sem custo.

Gostava da sexta-feira. Era meu dia diferente. Cozinhava e limpava sozinha naquele ambiente de tranquilidade absoluta. Nunca via o engenheiro. Enquanto lavava, cantava uma canção de mar e perda que a gente ouvia no rádio:

*"Mas há na vida sempre um dia
dia de um sonho se acabar,
este me veio em que eu não via
o meu veleiro retornar."*

Para mim foi o contrário. Meu sonho acabou no dia em que ele retornou mais cedo do trabalho. Tinha perdido o emprego na empresa de construção. Era o meio da tarde. Fiquei sem saber como agir. Continuei o trabalho. Lembro bem, esfregava o fogão da cozinha que eu mesma tinha sujado para fazer o almoço. Eu já tinha percebido que ele nunca cozinhava. O fogão era uma formalidade, o lugar inteiro não mostrava intimidade nenhuma, não tinha fotografias, as paredes eram nuas. E então veio seu pedido: cozinha hoje pra mim?

A geladeira vazia não indicava possibilidade. Era sempre eu que trazia o de comer. Às vezes encontrava no lixo restos de pizza, comida pronta, um prato na pia. Nem café ele tomava em casa. Ele ligou pra advogada, minha patroa. Conversaram longamente e eu fiquei pra cozinhar. Enquanto terminava a limpeza, ele saiu e voltou com uns pacotes de supermercado. Tinha arroz, tinha carne, tinha alface e tinha pão. Havia tempero pronto, mas esqueceu de trazer sal. Foi procurar o vizinho do apartamento da frente. Veio o sal e uma cebola. Preparei o rega-bofes o melhor que eu sabia. Enquanto eu cozinhava, o engenheiro bebia.

Já eram sete da noite quando servi a refeição. Ele já estava alto, taça de vinho na mão e um olhar estranho e cavo. Eu ia fazer meu prato para comer na cozinha como sempre tinha sido. Ele apenas disse: "Senta!" Foi uma ordem ou pedido? Quis me esquivar e sair, mas ele foi insistindo e me indicou o lugar e me deu uma taça de vinho.

Eu mastigava devagar tentando ser educada. E ele falava e ria como se eu fosse de casa. O primeiro gole de vinho desceu amargo e estranho, o segundo mais macio, o terceiro foi entrando, como se estivesse em casa. No fim da segunda taça quis levantar, o serviço me chamava. Era a panela do arroz, a tigela e outras tralhas, mas retornei à cadeira da tontura que passava.

Até então eu não tive nem namorado, era trabalho só. Não é que não sonhava. Sonhava, afinal via as novelas. Achava que no final tudo dava certo. Ele era um homem apessoado e eu me sentia miúda perto dele, cheia de vergonha. O vinho me deixou mais solta e mais frágil. Não foi de repente. Meio sem querer, ele tocou minha mão, quando mandou eu tomar água para acalmar a tontura. Ele estendeu a jarra. No que peguei, um deslize da palma da mão dele nas costas da minha. Foi um arrepio. Eu

pressentia o que iria acontecer. Parte de mim queria fugir, outra parte tinha expectativa. A gente é boba e acredita, por isso bebi mais vinho, mas a água não tirava a tontura. Me lembro do apoio que deu pra eu levantar da cadeira. Parece que disse pra esquecer a cozinha. Ele ia me levar pra deitar um pouco. Deitada, tudo girava e eu era leve e voava. Sentia cócegas nas coxas, a cara dele bem perto. No início uma pressão gostosa de corpo, depois a dor, e tudo parou com uma enorme sensação de enjoo, uma vontade de vomitar. Parecia que eu tinha sacudido num tonel que rolava. Tomei força e me levantei cambaleante. Mal cheguei ao banheiro e vomitei tudo. Uma golfada dentro do vaso e outra no chão. Só então percebi de verdade que estava sem a roupa de baixo. Não é que não sabia o que estava acontecendo, mas não tinha consciência de verdade. Devo ter ficado vermelha que nem pimentão, porque deu um calor na cara. Os olhos, parecia que queriam saltar. Tinha uma vontade de me lavar. O chuveiro me ajudou a acordar melhor daquele zumbido na cabeça. Sangrei um pouco. Passou. Quando passei pelo quarto, ele ainda estava deitado na cama quieto virado para o outro lado. De roupa. Saí de mansinho.

A gente aprende a fingir rapidamente. Na casa da patroa disse que estava tudo bem, mas fui deitar logo, alegando que estava muito cansada. Acho que não desconfiou.

Depois da primeira vez, tudo fica mais fácil. Na semana seguinte, ele já me esperava em casa. Fingi que não era comigo e fui ao trabalho. Ele, cada pouco, aparecia na porta do cômodo que eu estava limpando. Uma desculpa qualquer. Fiz um almoço rápido. Dessa vez tinha o que preparar. Servi. Ele queria que eu ficasse na mesa com ele, mas fui pra cozinha. Tinha serviço. Lá pelas 16 horas, tudo pronto. Ia saindo, mas ele chamou.

— Não quer receber pelo serviço?

Eu queria era ir embora, nem pensei no dinheiro. Nem tinha pago a semana anterior. Acho que esqueceu.

Ele estendeu um valor que eu não quis receber. Aí ele falou:

— É pela semana passada.

Fiquei puta da cara. Desgraçado, estava me pagando como uma prostituta. Mas fiquei também tão envergonhada que saí correndo, peguei a bicicleta na portaria e fugi. Nunca mais voltei àquele lugar.

Uns dois meses depois percebi que um rapaz me olhava sempre que eu ia ao parque no sábado pela manhã passear com as crianças. Um dia ele comprou pipocas e levou para mim e as crianças. Enquanto elas comiam, conversamos um pouco. Ele trabalhava numa casa lotérica e as apostas iam só até sexta, por isso tinha folga no sábado e no domingo. Foi somente então que pedi se a patroa podia me dar uma folga. Ela não gostou, mas passei a ter meus domingos à tarde livres.

Fomos ao cinema, passeamos, tomamos sorvete. Nunca tinha me sentido assim bem tratada. Eu já não via a hora de chegar o domingo. Sonhava com os beijos no banco da praça, no escuro do cinema. Foi aí que começaram as intimidades maiores e um dia aceitei conhecer a casa dele. Morava sozinho em um quarto de pensão. A dona não deixava entrar mulheres. Mas ele me apresentou à dona como sua noiva. Fiquei feliz, mas não sabia que estava sendo enganada. Como noiva pude entrar. Era um espaço pequeno, com cama, armário, mesinha. O banheiro era fora, pois havia outros rapazes que moravam em outros quartos e todos usavam o mesmo banheiro.

Eu sabia que indo lá iria acontecer. Eu até esperava. Mas não foi bom. Rápido. Num instante ele estava ofegante e vermelho sentado à beira da cama de solteiro. Eu, meio sem graça, esperando mais, um calor dentro, um desejo... mas na semana seguinte eu estava lá outra vez.

O problema de verdade começou três semanas depois. As regras não vieram. Conteí ao Juvelino, esse era seu nome. Me tratou como uma princesa. Disse que me levaria para sua família me conhecer em Cambé, que a gente se casaria. Que a vida seria no começo difícil, mas tudo ia dar certo. Depois daquele dia nunca mais o vi. Procurei nas três casas lotéricas da cidade. Não conheciam ninguém com esse nome.

Aí bateu o desespero. Não saía mais aos domingos à tarde. A patroa percebeu, afinal me pegou chorando duas vezes. Na primeira consegui enganar, na segunda, conteí tudo a ela. Pensava que me ajudaria, em vez disso, uns dias depois me levou até a periferia.

A casa amarela já desbotada era cercada por ripas de madeira sem cor definida. A patroa tinha me orientado que iam me tirar o bebê, que nem era gente ainda, que eu não conseguiria

viver se tivesse aquele filho, que isso acontece e se resolve assim, que não precisava ter medo, que...

Doeu muito, sangrou muito. Fui parar no hospital e tive que responder para a polícia. A patroa me ajudou como advogada. Saí dessa, mas fiquei devendo a alma para aquela mulher. Depois desse fato todo, perdi o gosto por trabalhar para ela, mas ela dizia que eu devia muito a ela e tinha que pagar minha dívida.

Uns três meses depois, ela me apresentou uma nova proposta. Ia perdoar minha dívida e até tinha arranjado um trabalho melhor para mim. Vinha uma mulher de Curitiba me buscar para trabalhar na casa dela.

Como eu queria mesmo sair daquela casa, aceitei mudar de ares e vim para a capital sem questionar. Pensava que na cidade grande tudo seria melhor. Naquele tempo, Curitiba era uma cidade pequena perto de hoje, tinha uns quinhentos mil habitantes.

A surpresa curitibana começou na chegada. A dona me levou bem fora do centro da cidade, na região que ia para o litoral, num bairro chamado Centenário. Parecia uma cidade do interior. Mas... Foi assim que fui parar no Quatro Bicos, uma boate que tinha esse nome porque o teto tinha quatro pontas.

Eu era mesmo ingênua, burra até. Ali moravam muitas mulheres e à noite os quartos ficavam cheios de clientes. Dançavam, bebiam e iam para a cama. No escurecer iniciava a função, mas lá pelas dez da noite a casa pegava fogo e ia até duas ou três da madrugada.

Não. No começo eu não era prostituta. Fazia a limpeza dos quartos com outras duas senhoras que só apareciam depois do almoço. Eu tinha que trabalhar também à noite. Cada vez que um cliente saía de um quarto, lá estava eu dando uma arrumadinha pra enganar, até entrar outro.

Dormia das quatro às dez da manhã e depois do almoço tinha que ajudar as outras duas a deixar tudo arrumado para a noite. Nos finais de semana era pior, mais trabalho. Ganhava uma miséria, vivia limpando porcaria dos outros e dormia num quartinho escuro nos fundos. As mulheres dormiam até o meio-dia. Não fosse ter que aturar qualquer um que aparecia, tinham uma vida melhor que a minha.

Uma noite, enquanto eu ajeitava o quarto recém usado, entrou um homem, me agarrou por trás e me estuprou. Não sei

se achava que eu fosse como as outras ou se sabia o que estava fazendo. Só sei que não ouviu os meus protestos, até pareceu gostar de minha luta. No final, deixou uma grana na cabeceira da cama e saiu satisfeito. Sufoquei minha raiva e continuei meu trabalho. Fiquei sabendo, no dia seguinte pelas conversas, que um cliente especial tinha sido muito bem tratado e que, de agora em diante, queria sempre a mesma mulher.

Era um deputado conhecido, mas nenhuma mulher o tinha atendido naquela noite. Então eu soube que a mulher era eu.

Foi minha primeira verdadeira escolha na vida: continuar faxineira e talvez até perder o local de trabalho ou virar prostituta. Aceitei a segunda opção. As outras mulheres ficaram com alguma inveja, mas a dona da casa me ensinou a agir. No começo, fui apenas destinada ao tal deputado, que aparecia sempre nas sextas-feiras. Aprendi a fingir minha reação, a lutar um pouco, a resistir. Ele adorava me dominar e, com o tempo, até comecei a gostar daquele jogo, afinal estava com um homem limpo, que pagava bem e exigia pouco.

Depois de um tempo, a dona queria mais de mim e tive que começar a fazer sala e atender outros clientes. No começo foi difícil, nem todos eram jeitosos, mas aprendi que são mais carinhosos com uma puta que sabe levá-los que com as esposas que esperam. Com o tempo, dominei todos os truques para fazer cada um gastar o máximo com bebidas, champanha principalmente. Eles pagavam champanha, eu bebia soda limonada fingindo ser champanha. Chegavam cheios, saíam murchos, mas felizes. Quase todos casados.

Sempre fui bonita e também usei uns truques para parecer ainda mais. Talvez por instinto, talvez por razão, guardava todo o dinheiro que podia. Usava os clientes para ganhar vestidos e até enfeites. Abri conta em banco, fiz minha economia.

Me lembro que tinha uma novela na televisão que contava a história de uma casa como aquela em que eu vivia. A dona, Maria Japonesa, deixava a gente assistir, mas se aparecia cliente, tinha que atender. Os clientes até se acostumaram a aparecer só depois da novela para não atrapalhar as meninas.

Não sei exatamente por que, talvez pela criação que tive até os dezessete em casa, mas sabia que um dia teria que sair disso. Passei por outras casas, estive na Metrô quando começou,

mas fiquei pouco, já não era uma mocinha. Só pude e tive de sair da vida em 1995, já meio carcomida pelo uso, envelhecida. O Quatro Bicos tinha fechado há muito tempo.

Com as economias, comprei esta casinha. Pago regularmente o INSS como arrumadeira, hoje chamam diarista. Quem exigia isso da gente era a dona do Quatro Bicos. Ela dizia que médico custa caro e que puta só se aposenta se paga. Paguei por 25 anos e continuo pagando.

A mudança na minha vida se deu por dois motivos: já ganhava muito pouco fazendo o que fazia e fiquei doente. Vivia sentada nas praças do centro esperando aparecer alguém que me quisesse. Levei sorte, nunca fui presa. Aprendi a ser discreta.

Algumas doenças pequenas eu tinha tido várias vezes. Nem todo mundo é limpo e quando tive que ir para a rua foi pior. Eu atendia operários que ganham pouco e aparecem como podem do trabalho. No fim da tarde, começo da noite, eu trabalhava mais. Vinham antes de ir para casa. Não sei de quem, com quem, quando exatamente, mas um dia fiz exame e estava com aids. Trato esses anos todos. Agora você também sabe, além do médico. Ultimamente estou me sentindo mais fraca e cada vez é mais difícil trabalhar. Mas agora tenho você outra vez. Como é bom ter alguém de novo...

João não disse palavra,
não emitia um ruído,
e se encolhia por dentro
e se roía as unhas,
mas ouviu cada detalhe
do relato da irmã.
Quando ela terminou,
ele chorava em soluços.
Foram ambos prisioneiros
condenados a existir
para o delírio dos outros.
O abraço que os acolheu
era entre corpos ungidos
cada um em seu refúgio:
João nos braços de Aninha
Aninha por João protegida.



IX.

Da plenitude ao vazio

"Isso foi ano passado. Foi o ano em que mais falei em minha vida, mas sempre e apenas com ela. Tinha tanto sempre pra dizer e Ana me ouvia cada dia mais silenciosa. Dispensei meu aluguel e fui morar com ela. Novamente uma família.

Não mudei em meu trabalho. Seria estranho de repente um mudo que falasse. Ana parou com os serviços domésticos que realizava nas casas dos outros. Agora eu podia sustentar a casa, além do mais, sua doença entrou em nova fase e se tornava sempre mais agressiva. O coquetel de pílulas que a saúde pública lhe dava parecia não dar mais conta e vinha o abatimento. Meu abatimento, pois ela não se queixava.

Se eu for medir em meses, o primeiro com Ana foi um sonho. Tivemos um mês de maio sem chuvas. Tudo muito seco e o frio tinha dado uma trégua. Foi nosso veranico juntos. Nos finais de semana íamos ao parque ali próximo. Os que nos viam pensavam que éramos um casal apaixonado. Andávamos abraçados e um imenso carinho nos envolvia. Do que nos restou, tínhamos tudo: um ao outro.

Com as chuvas de final de maio e o frio intenso que se seguiu, Ana ficou acamada. Febres, calafrios... veio a pneumonia. Tive que interná-la. Duas semanas na enfermaria do hospital. Remédios bem ministrados, alimentação quentinha e muito repouso. Teve alta do hospital. Em casa não devia fazer nada. Repouso era a recomendação e medicação diária. Foi quando pedi minhas férias no trabalho para cuidar dela.

Apesar das atenções, Ana emagrecia a olhos vistos. A pele sempre mais pálida, olhar sempre mais fundo, cabelos sempre mais brancos.

Na última semana de férias, voltei com ela ao hospital. O médico, já conhecido do atendimento anterior, disse num canto do corredor, enquanto ela era medicada pela enfermeira:

— Não temos mais o que fazer. Essa doença, quando decide

atacar, é ainda mais incontrolável. Os medicamentos aumentam os dias, mas não curam.

— Como faço? — perguntei segurando as lágrimas.

— Tem quem possa cuidar dela?

— Não. Somos apenas nós dois e minhas férias estão terminando.

— Em casos assim, podemos mantê-la no hospital por mais um tempo, mas nossas vagas estão sempre limitadas e há muita gente precisando.

Agradei o médico. Na semana seguinte, voltei ao trabalho. Já era noite, quando chegava ao hospital para vê-la. No começo não queriam deixar entrar, pois era fora do horário de visitas. Fiquei na sala de espera do hospital por três noites. Na quarta, o médico me viu e então fui autorizado a ficar com ela por uma hora após voltar do trabalho.

Dormia pouco. Emagreci também, mas era grande a alegria nos olhos dela quando me via chegar já próximo das 19 horas. Assim se passou um mês. A casa estava sem cuidados. Arrumava um pouco no sábado. Lavava alguma roupa e corria ao hospital.

Era já começo de agosto, ainda muito frio. Tinha sido um dia cansativo no trabalho. No hospital, Ana estava sempre pior. Nesse dia não pude vê-la, pois faziam um procedimento. Os pulmões se entregavam. Cirurgia era desaconselhável. Voltei para casa com um enorme peso dentro.

O portão da frente estava aberto, a porta escancarada, a casa revirada. Roupas, só ficaram as mais imprestáveis. Móveis e até a geladeira levaram. Ficou um colchão e um armário embutido. Não levaram o fogão velho.

Veio a polícia. Os vizinhos disseram que parou um caminhão de mudanças e levou tudo. Pensaram que era mudança normal.

É o que dá a gente viver só e ter vergonha do mundo. Nem Ana nem eu tínhamos amizades. Os vizinhos eram estranhos. No máximo um cumprimento e um sorriso sem graça. Me achavam deficiente, afinal não falava. Pensavam que eu era meio incapaz.

Nada disse a Ana, mas acertei minhas contas na empresa, resgatei no acerto o Fundo de Garantia e passei a receber Seguro Desemprego. Pude então cuidar de minha irmã, mas por poucos dias. Ela não voltou mais para casa. Morreu em dia de festa: sete de setembro. No enterro, era ela e eu. Até os coveiros estranharam.

Voltei à mudez absoluta. Vontade enorme de também morrer. Agora para sempre eu não teria mais família.

A primeira semana foi a mais difícil. Uma casa vazia de tudo, um coração oco, uma mente perdida em raiva e dor. Amaldiçoei tudo e todos. Era o desespero da solidão retornando. Era o silêncio tomando conta outra vez. Era o mergulho no meu interior escuro e sem estradas. Pensei em morrer, quis morrer, mas apenas chorei. Não sei por que as lágrimas lavam a gente. Não fiquei bom de imediato. Convalescia de minhas perdas deitado na casa vazia, de corpo vazio, de mente ainda mais vazia.

Um homem bateu palmas da calçada. Eu não tinha vontade de sair daquele colchão estirado no piso, mas fui ver o que era. Alguém tinha informado que eu assentava azulejos muito bem. O homem estava reformando sua casa nas proximidades e precisava de mim.

Foi um grande esforço aceitar o serviço, mas eu tinha chorado e as lágrimas levaram embora boa parte de minhas negações. Assentei piso e azulejo de dois banheiros. Trabalhei rápido e bem. Fazer aquilo me acalmava. Por uns dias, dormi à noite. Quando me dei conta, trabalhar era o que eu queria. Mantive meu silêncio e, mesmo mudo, não me faltava trabalho. Um indicava meu serviço a outro e fui indo, de casa em casa.

Comprei cama. Ajeitei o básico da casa. Algumas poucas roupas. A vida seguia. Trabalhar me confortava.

Chegou o verão. Em dezembro, Natal, Ano-Novo, não estava feliz. Feliz só estive com Maria, mas participei das festas na igreja do bairro, com a discricção de um ouvinte distante, mas silencioso e compenetrado. Em janeiro nasceu a ideia do mar, assim aparentemente do nada. Amanheci uma terça-feira pensando nisso, não sabia por quê. Fui à casa onde estava lidando com as paredes de uma cozinha nova e, ao passar o portão, vi no terreno ao lado um enorme outdoor com uma fotografia da praia e a sugestão de mantê-la limpa nesse verão. Entendi meu desejo.

Terminada a reforma daquela cozinha, descii a serra para passar um domingo à beira-mar. Meu primeiro mar.

Na primeira vez não se sabe o que vai acontecer, nem imaginei qual seria minha reação. Fui. Era um impulso, um desejo, um sinal de vida. Descii em Matinhos e corri com meu farnel para onde todos iam. Fotos e televisão não fazem justiça a tudo aquilo.

Fiquei parado, meio zozzo. Era como se tivesse perdido os sentidos naturais para substituí-los por outros. Foi-se a noção do tempo e do espaço. Senti que voava. Havia um cheiro novo, um sol novo, um novo olhar impregnado de azul esverdeado.

Mas creio que o resto você já sabe... Pensei, por meu desengano, ter reencontrado Maria, mas Maria era Mariana, e aqui estamos no final dessa minha história."

E João parou seu relato,
olhos fixos na parede
como se olhasse o vazio...
Via o mar e a sua espuma,
seu balanço e seu calor,
seu silêncio, seu remanso
e do salgado, o sabor.
Via as cenas, uma a uma,
daquele dia de cor,
do vermelho de uma boca,
do amarelo em flor,
do verde-mar, do sufoco,
do escuro de sua dor,
da parede que ergueu,
daquela que derrubou...

No instante em que se perdeu
olhando a parede nua
João o entorno esqueceu
e não viu o fio de lágrima
que beijou a face úmida
da moça emocionada.

E depois de algum silêncio
veio com voz embargada
um sussurro e um conforto:
"Você vem à minha casa?"

Era ela quem pedia,
era ele que escutava.
Foi o primeiro convite,

foi a primeira palavra
acarinhando seu íntimo,
purificando sua alma.

Olhou para ela e sorriu.
Encontro de águas claras:
as dela corriam livres
as dele eram presas lavas
num vulcão tão subterrâneo
de profundidade abissal
submersas por tantos anos
emergiam em franca cava
irrompiam pelas abas
e transbordavam nos panos
dos lençóis do hospital.

Bendita essa confissão
que há pouco terminara...
Ainda não era alegria
a sensação que provava,
devia ser outra coisa
mais macia ou mais rara.
Tinha um ritmo mais ameno
um pulsar sem confusão
um sentir leve e sereno
uma força plena e cara
como se pisasse terreno
de planura e relva rala,
carinho de pé no chão.
Não sabia haver vivido
algo assim tão diferente
algo assim indefinido,
mas sabia estar contente
com a estranha emoção,
e se sentiu possuído
de enorme gratidão.

"Obrigado", - foi o que disse,
outra palavra não veio.

Ela então se ergueu,
aproximou-se do leito
e os braços estendeu
num gesto de quem acolhe
e suas mãos se tocaram
por escolha, num acorde
como se tocassem folhas
do galho da mesma árvore.

Ela foi, ele ficou
esperando que voltasse.
Estava em observação
tomando medicamentos
para acalmar coração,
para acalmar pensamentos.

A primeira vez em vida,
depois de sua prisão,
João esperou ansioso
porque parecia bom.
Enquanto assim esperava,
aprendeu outra emoção:
esperar é demorado.

Enquanto estivera preso
havia perdido a esperança,
cada dia, sua porfia
cada noite era sem sonho;
cada dia, uma agonia,
cada noite o seu demônio.

Os trinta anos de então
eram lembrança passada:
um instante de ruína
numa casa abandonada.
Agora o sentido era outro:
a antiga direção
tinha perdido o sumo,
nascia outra intenção

outro e novo produto,
percebera a compaixão,
perdera o olhar obtuso
de que todos sempre são
voltados pro próprio uso.

Um minuto para João
deixou de ser só um fuso
e passou a dizer muito,
embora ainda confuso;
então, ficar à espera
é como estar mudo
e sozinho sobre a terra.



Da cama em que se estendia
João não sabia nada
das luzes daquela manhã
ou então de sua falta.
Sabia que ela não veio
como havia prometido.

Esperou...

Mas ela ouviu sua história...
como haverá esquecido?
Ela sabia seu segredo
devassou sua memória
penetrou seu arvoredo
seu tempo escurecido
sua derrota e vitória...
Há de haver um bom motivo,
pensou João em seu silêncio,

e assim reconfortado
esperou mais um momento...

Respirou fundo e calou
as incertezas de dentro:
não criar expectativas
não inventar incrementos
não desejar perspectivas
apenas ficar atento.
Os desenganos da vida
tinham sempre seus talentos
prontos pra novas rimas,
e por novos desencontros
estavam sempre sedentos.

E assim passou o dia...

Permaneceu no hospital,
ficou na enfermaria,
comeu pouco, dormiu mal...

Lá fora amanhecia
outro dia casual
que de sol talvez seria
ou de chuva matinal,
a João pouco importava,
pois à casa ele tornava
após a visita formal
que o médico fazia
em cada manhã normal.

Só com seus pensamentos,
sem trabalho ou capital,
à sua casa iria
recomeçar; afinal,
o que se espera da vida
a não ser continuar
até o dia fatal?

Mas onde buscar a força
após tanto sofrimento?

Quem tudo perdeu
já não tem o direito
de perder a si.
As perdas revivem
a cada respiro
a cada ato feito
a cada *não* doído
a cada abatimento.

Os passos rumo à saída
iam lentos mas precisos,
a cabeça estava baixa,
a mochila sobre o ombro,
dentro dela seus escombros,
olhar fixo no chão.

Cada peça da cerâmica
tinha um seu mecanismo,
um desenho, uma ciência,
uma mão por trás, um tino.
Foi olhando para o chão
e aquela montagem plena
de quebra-cabeça complexo,
assim sem prévio aviso,
mas de um modo completo,
que àquele homem simples
deixou de ser tão secreto
o seu ofício futuro:
de assentador de lajotas
a construtor de mais uso,
pois o ladrilho assentado
por onde passavam gentes –
cada qual com os seus visos,
vitoriosas ou carentes,
asseadas, descompostas,
virtuosas, impacientes,

recheadas com seus visgos,
ambiciosas, padecentes
preguiçosas ou dispostas
a buscar seus objetivos –
era enfim sua nova aposta.

E assim chegou à porta
que se abriu num repente
e o susto da abertura
fez com que retrocedesse
e levantasse o olhar.

Pelo vidro transparente
daquela porta automática
se revelava um segredo:
o jamais imaginado
o da maior alegria:
de um lado estava João,
do outro Mariana e Maria.



X.

Canto de encontros

O tempo e seu cinzel marcam o rosto
de relevos, reentrâncias e ranhuras,
dobra o vulto e o entronca e forja o corpo,
dá-lhe, enfim, novos traços e postura.

É assim na manhã de um sol posto
em que os cabelos já ostentam certa alvura,
as mãos tão pálidas e o olhar já fosco
revelam o pesar e as lutas duras.

Mas essa brasa que esperou a brisa
acendeu logo que o sopro veio;
olhos em fogo, corpo em plena vida

rompem as cordas e sentem o veio, –
promessa nova, fome apetecida –
e se lançam à luz sem nenhum receio.



O grito de João ecoou no ambiente
e todos olharam a porta que abria
e viram um homem em plena alegria
lançar-se aos braços de outra vivente.

Também viram todos o passo em recuo
que dava a mulher ao abraço iminente,

mas cedeu o corpo com riso adstringente
ao forte aperto, e fez um amuo.

Não fosse tão sério, seria engraçado:
um assim tão pleno e o outro engasgado,
um então entregue e o outro constrangido.

João não a soltou por segundos seguidos...
Todo aquele tempo que havia esperado...
queria preencher o vazio sentido.



Mariana de leve
tocou em seu ombro
e ele voltou-se
e a abraçou também.
Rompiam os muros
quebrava etiquetas
e rodou com ela
em dança fluída
e ela esquecida
deixou-se levar.

E todos olhavam
aquele semblante
de um seu semelhante
sem nada entender,
mas bem que queriam
a mesma alegria
a mesma coragem
o mesmo amar.

O instante de febre
de intensa folia
logo passaria
pra calma voltar.

Mariana tomou
João pelo braço
e o foi levando
um pouco pra lá.
Seguia a calçada.
Um metro depois
meio atrapalhada
a outra mulher
seguiu o caminho.
E João a olhava
e fazia gesto
de passo mais presto
e estendia a mão,
mas ela ficava
com seu passo tardo
um pouco atrás.
Até que parados
à beira da via
os três espreitavam
para atravessar,
pois do outro lado,
de um carro velho,
mas todo vermelho,
um rosto pequeno
estava a olhar.
Os olhos já vira
não sabia onde
e aquela fronte...
 devia lembrar...

Então dentro do carro o silêncio.
Iam na frente, Maria e um senhor
ainda jovem, talvez uns trinta anos,
disse chamar-se Luís Adamastor;

banco de trás: Mariana e o menino
que a chamou com carinho de mamãe.
João os olhava já não com tanto tino
ou a certeza que clareou sua manhã.

O carro foi cruzando as avenidas,
passou o centro e rumou para o Portão.
Adamastor dizia conveniências
sobre o ocorrido na praia há poucos dias,
ao que Mariana com presteza respondia,
mas mesmo assim ficavam reticências
as quais nenhum dedicava atenção.

De olhos fixos na face de Maria,
João esperava uma palavra qualquer,
mas até agora nem sussurro emitira,
e parecia assim ser outra mulher.
Mas era a mesma, mesma fisionomia,
mesmo trejeito de empinar o nariz,
a mesma boca, o cabelo (e a alegria?),
o mesmo ombro e também a mesma tez.

Mariana falava da casa e família,
Luís, o marido, o filho querido.
João mal ouvia
um tanto confuso
os dados de uso
ou até de fachada,
daqueles segundos.
Há de saber tudo
na hora acertada.
E olhava Maria...
mais se intrigava.
Por que não volvia
o rosto e falava?
Será que o silêncio,
seu longo parceiro,
também a tomava?
Enquanto cismava

no banco traseiro
daquela jornada,
o que se passava
na mente da frente?
Por que não falava?

A casa era branca
janelas vermelhas
da cor das telhas,
o portão com tranca,
a grama bem feita
e uma laranjeira
no quintal da frente.
João era um estranho
para aquela gente
e mesmo a Maria.

São trinta anos de distâncias e silêncios
que o destino resolveu tirar a limpo.

Dentro da sala com sofá florido,
meio constrangido se sentia João.
Eram tão estranhos assim reunidos,
como se faltasse uma explicação.

Nas paredes, fotos de tempos já idos
em que divisou o olhar conhecido
e nova certeza então se instalou.

Olhou pra Maria tão quieta a seu lado,
pra foto e pra ela, pra ela e pra foto,
e o gesto parou.

A voz não saía, a mente gritava,
o gesto em suspenso, a língua calada,
coração gelou.

Não era Maria no sofá sentada?!
Aquela Maria ali pendurada,

a sua Maria há tanto esperada,
o coração falou.

Poderá o tempo em sua magia
mudar tanto a face da pessoa amada
a ponto de o olho sofrer tal engano?

E todos à espera da voz que não vinha,
do gesto inconcluso, do cenho enrugado,
das mãos que apontavam a foto pendida
na parede clara daquela salinha.

Mariana quebrou essa cena mágica:
"É sim Maria nessa foto antiga".
E João a olhou, mas não entendia
por que sua Maria, aqui, se calava.

Mariana, outra vez, tomou a palavra
e disse tão fraco o que precisava
que João não ouviu o que pretendia.

Ouvidos ficam surdos nessas horas
em que a verdade desmascara o sonho.

O que João ouviu não tinha sentido
ante aqueles fatos, ante aquele todo:
Não era Maria a que ali sentava?
Então quem seria tão assemelhada?
Era Marina que enfim falava
e muito sentia, então se calava,
pois o que diria quebraria o encanto
e caiu em pranto de si esquecida.

Era dia de revelações e choros.
Era dia de entrega e abandonos.
Era dia de encontro merecido.

Era noite e queria ouvir de novo.
Era noite de afastar enfim estorvos.

Era noite do descanso apetecido.

E a noite ouve histórias e segredos
revelados no aconchego de quem ama.
E João ouvia agitando os dedos
o desenredo dessa nova trama.

Costurar ferida após profundo corte
é mais dolorido que o talho inicial:
o gesto é pensado e traz por suporte
uma mão que treme e será fatal.

Quando da casa dos pais em São Paulo
Maria fugira numa sexta-feira,
chamaram polícia,
fizeram algazarra,
gritaram pros muros,
mas nem a milícia
nem outra fanfarra
teria recursos
para aquela busca
ou seguir a esteira
de parcas migalhas
em terreno sujo,
em qualquer estrada.

Um mês se passara...
seis meses, enfim,
e o pai contratara
agência afim.

Não vinham notícias
e o dinheiro ia,
mas quem deixaria
perder-se a pista
mesmo se fásca
de um fogo
já morto?

Venderam a casa,
somaram valores,
pediram favores
nas ruas, nas praças
de foto na mão.

Um ano depois,
pequeno sinal:
diziam de estar
fugida no mato
na revolução.

Eram tempos difíceis.
Eram tempos de ação.
Reuniram milícias,
generais e peões
em estratégias lícitas
em atos de porão.
Perseguiram tristes
e floridos refrãos...
Se fizeram golpe
ou revolução
contarão outros tempos
outra geração.

Um dia uma carta
no antigo endereço
acendeu a busca,
deu fogo à fâsca
e a nova pista
gerou desconforto.

Foi vista num fusca
por um transeunte
bem perto de um posto
de abastecimento,
e o carro vermelho
que a conduzia
seguia pro sul.

Dois dias após
em terras mais calmas,
cidade pequena
já no Paraná,
foi vista outra vez
foi vista, afinal,
com um camarada
por um policial.

A agência contratada fez o resto
e a trouxe para casa em segurança.
Ela chegou com marcas pelo rosto,
e algum desconforto, e esperança
de voltar aos companheiros de jornada,
de assumir outra vez o próprio posto.

A irmã lembrava bem como ela veio.
Estava mal vestida e de mau humor.
Chegou como quem faz um favor.
Desceu aborrecida, gesto ao meio
de quem tinha perdido seu amor.
O entorno vasculhava com torpor
no semblante cansado, olhar alheio.
Ouviu o ronco forte do motor
do carro em que viera até o terreiro;
queria retornar, então gritou
um grito intenso de revolta cheio
que o braço forte do pai acalmou.

Foi rebelde por uns dias, insistente,
mas o pai a conteve com energia.
Ela calou em seu quarto impertinente
até que a mãe aplacou a rebeldia
ao descobrir que viria outro ente:
estava grávida, seria mãe, Maria.



O que é um filho quando se está só?
Será empecilho ou cara companhia?
Terá carinho ou cerceará alegria?
Será cordame ou apenas nó?

Será perguntas ou exclamações?
Porá mais ordem ou será sufoco?
Fará por muitos ou quererá pouco?
Não há certezas só interrogação.

Mas é um filho, sangue de outro sangue.
Mas é um broto, ramo e nova flor.
E é a vida que assim se expande...

E além de vida, é fruto de um amor
sem despedida, sem último instante,
de cujo leito se sente o calor.



Por princípio se fechou no próprio mundo
e deixou um outro lado então surgir.
E veio lento um penoso emergir
que reboava sempre em eco mais profundo,
até o dia em que tornou a sorrir.

Com a mão no ventre compreendeu o oriundo
e o esperou como fruto desejado
e o quis, então, como filho esperado,

cujo sabor já lhe era apetecido
e posto ao mundo onde enfim seria amado,
pois resultava de amor não esquecido,
que veio forte, filho de um chão fecundo.

Os meses se passavam tão velozes...
Maria pôde, enfim, ter a certeza:
carregava em seu ventre a gentileza
de uma menina que desataria os nós
de uma vida que forjara ela mesma.

As lembranças dos dias atrozes
que vivera em terra distante
se mudavam em prazer desejado
e a espera se enchia de vozes
de novas promessas, nuanças
de um novo gosto apurado,
de força, vontade aguerrida
que é a pura essência e substância
da força incansável da vida.

O senso materno toma forma
de carinho ao se entregar à lida.
A jovem mulher, antes perseguida,
ousada, valente, a natura dobra
e lhe dá contorno de outra medida.
Não esqueceu valores nem a própria história.
Não pediu favores, aceitou a missão.
Não traiu o sangue, nem sua memória
e trouxe para o mundo a filha de João.

A surpresa revelada foi um choque
de alegria e esperança renovadas.
Percorreu o corpo, enfrentou a sorte
e fez João perguntar pleno de ânsia
onde estaria a tal filha e a mulher.

A resposta veio em voz de outra pessoa,
já não contava a irmã que se calara,

era Mariana a dizer o plano novo,
era Mariana a revelar o seu viés.

Um mês após o parto era só risos
na família, entre os pais e em toda casa.
A alegria foi a voz que obteve asas
em todo canto, do quarto até a cozinha.
O choro noturno já não assustava.
A menina era o doce sonho
da harmonia sempre adiada
que finalmente do amor abotoa
em flor e quer desabrochar.
A própria Maria despertava
para as cotidianas coisas
que nunca bastam nas razões do lar.



Um dia de feira no bairro, em Perdizes,
Maria e Marina às compras se foram.
Andavam ligeiras, andavam felizes;
uma foi às frutas,
outra às verduras,
cada qual envolta em sua formosura,
cada qual em busca do próprio tesouro,
as duas contentes em manhã de abril.
Marina voltou,
Maria sumiu.

Um grito ecoara atrás da barraca:
a voz de Maria soava em socorro,
Marina correu, mas já não viu nada
e também gritou e caiu em choro.

A polícia pouco disse desse evento,
e de Maria logo se perdeu sinal:
se foi levada por antigos companheiros
ou se foi presa por ação de policial.

O que ficou foi o amargo resultado
de uma filha que perdia sua mãe,
o adverso remontar de um passado
inda recente para marcadas cãs
de uma avó que não previu o embate
e num repente morreu num enfarte.

Três meses se passaram sem resposta
até chegar à luz o ocorrido:
um jornalista havia descoberto
que Maria fora presa e torturada
pra denunciar o companheiro escondido.

Sofreu, calou e alcançou seu limite:
a morte foi o preço do silêncio,
o corpo apareceu no rio Pinheiros,
o enterro em cemitério de Perdizes.



A essa altura ele chorava em soluços
já sem controle da nova dor que viera.
De olhos baixos, sentia toda culpa
daquelas mortes cujo culpado ele era.

Que palavra se diz em hora assim
em que o vazio é maior que o medo?
Que vão bramido o coração estrila,
quando do mal se sente pleno peso?

Afundado na poltrona e muito tenso,
Tentou prender as lágrimas, em vão,
pensou seus dias, e mediu o próprio tempo:
devia ter morrido na prisão.

Ergueu-se Mariana da cadeira em que sentava,
foi até João com andar de muita calma,
pegou sua mão, olhou fundo em sua palma,
cobriu seu rosto com a pele calejada.

João levantou, e ficaram frente a frente,
suas mãos de homem sobre aquela face,
quer dizer palavra, sua voz não sai,
quer pensar mais fundo, mas não tem alcance.
Ouve um murmúrio e seus dedos tremem,
percebe o soluço... a moça se esvai...
Sente em sua mão a lágrima quente...
que molha os calos e entre os dedos vai...
Abaixou a fronte e ouviu ternamente:
"Me abraçe forte, você é meu pai".

Créditos: imagens

CAPA

BLOSSFELDT, Karl. **Silphium Laciniatum**, 1928, RawPixel. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/2224041/karl-blossfeldt-macrophotography>. Acesso em: 02 ago. 2021.

12 TORN **Paper Texture**. Texture Fabrik, 2016. Disponível em: <https://texturefabrik.com/2016/03/01/12-torn-paper-textures/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

CAPÍTULOS

I.

BENAVIDES, Cristian. 2020. **Pexels**. Disponível em: <https://www.pexels.com/pt-br/foto/foto-de-homem-em-camiseta-preta-com-gola-redonda-em-pe-ao-lado-de-uma-parede-branca-enquanto-olha-para-cima-3662357/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

LOITERTON, Jess. 2020. **Pexels**. Disponível em: <https://www.pexels.com/pt-br/foto/brilhante-luminoso-iluminado-inteligente-4321194/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

10 MERMAID Clip Art Images. **The Graphics Fairy**. Disponível em: <https://thegraphicsfairy.com/vintage-clip-art-beautiful-mermaid/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

STOCK Meltys. **Vintage - Postcard**, 2008, Deviant Art. Disponível em: <https://www.deviantart.com/meltys-stock/art/vintage-postcard-99125660>. Acesso em: 02 ago. 2021.

MELLOWMINT. **Scintillating Shells**, 2010, Deviant Art. Disponível em: <https://www.deviantart.com/mellowmint/art/Scintillating-Shells-164049735?comment=1%3A164049735%3A4916734812>. Acesso em: 02 ago. 2021.

II. FARM Animals. **Heritage Type**. Disponível em: <https://www.heritagetype.com/pages/16-farm-animals>. Acesso em: 02 ago. 2021.

ANIMAL Skeletons. **Heritage Type**. Disponível em: <https://www.heritagetype.com/pages/07-animal-skeletons>. Acesso em: 02 ago. 2021.

III. NAJARIDORE. **Freepik**. Disponível em: https://www.freepik.com/free-photo/close-up-elegant-woman-s-arms-being-raised-isolated_12701507.htm#page=1&query=hands%20together&position=20. Acesso em: 02 ago. 2021.

MAYAL, John Jabez Edwin. **Portrait of Karl Marx**, 1875, Wikimedia Commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Karl_Marx_001.jpg. Acesso em: 02 ago. 2021.

MORRIS, William. **Acanthus**, 1881, RawPixel. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/2477763/free-illustration-image-vintage-pattern-william-morris>. Acesso em: 02 ago. 2021.

IV. LAK, Mohammed. **The window**, 2018, Unsplash. Disponível em: <https://unsplash.com/photos/jrWBI2FFsbQ>. Acesso em: 02 ago. 2021.

GOGH, Van Vincent. **Wheat Field with Cypresses**, 1889, RawPixel. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/537404/free-illustration-image-van-gogh-painting-vincent>. Acesso em: 02 ago. 2021.

MELLOWMINT. **Anatomical Textures**, 2009, Deviant Art. Disponível em: <https://www.deviantart.com/mellowmint/art/Anatomical-textures-127684647>. Acesso em: 02 ago. 2021.

MORRIS, William. **Birds**, 1878, RawPixel. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/496047/>

[free-illustration-image-pattern-william-morris-vintage-wallpaper](#). Acesso em: 02 ago. 2021.

V. GNZLZ RL. **Volkswagen Karmann Ghia**, 2018, Wikimedia Commons. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Volkswagen_Karmann_Ghia_\(42441305491\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Volkswagen_Karmann_Ghia_(42441305491).jpg). Acesso em: 02 ago. 2021.

TAN Vintage Paper Texture. **Lost & Taken**. Disponível em: <https://lostandtaken.com/downloads/tan-vintage-paper-texture-40/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

POSTCARD Vector Drawing [...]. **Max Pixel**. Disponível em: <https://www.maxpixel.net/Postcard-Vector-Drawing-Beige-Old-Map-Paper-1412352>. Acesso em: 02 ago. 2021.

BLANK Vintage Craft [...]. **RawPixel**. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/1201849/vintage-old-paper-template>. Acesso em: 02 ago. 2021.

POST Card Shape. **Flickr**, 2008. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/playingwithhpsp/3074322581>. Acesso em: 02 ago. 2021.

VI. VINTAGE Allegory Illustration [...]. **RawPixel**. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/2403681/free-illustration-png-allegory-angel-antique>. Acesso em: 02 ago. 2021.

VII. DEMUTH, Charles. **After Sir Christopher Wren**, 1920, RawPixel. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/3037239/free-illustration-image-painting-church-modern-art>. Acesso em: 02 ago. 2021.

VIII. JOHNSON, Samuel. **Beautiful woman portrait [...]**, RawPixel. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/572731/beautiful-woman-vintage-artwork>. Acesso em: 02 ago. 2021.

BLOSSFELDT, Karl. **Achillea Umbellata**, 1928, RawPixel. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/2210664/karl-blossfeldt-macrophotography>. Acesso em: 02 ago. 2021.

ESSER, Hermann. **Ornamental corner designs [...]**, RawPixel. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/378058/free-illustration-image-ornament-ornamental-antique>. Acesso em: 02 ago. 2021.

IX. ARAGÃO, Lírica. **Praia de Matinhos - Paraná**, 2010, Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/librica/4445006633/in/photolist-PiSVT-7LMPBp-7LEnVW-7LEo5y-7LEnZb-24s9583-22LVxE-Hp1kU-24aR7Jg-26fQ3Lu-25wMAeB-25wMmXB-24aRK2X-Hp2fcC-22LWjpG-FSFTYg-25t4LC5-Z5CjWE-9p8viz>. Acesso em: 02 ago. 2021.

X. BITTER Sweet Oranges [...]. **RawPixel**. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/569418/orange-tree-branch>. Acesso em: 02 ago. 2021.

MORRIS William. **Apple pattern**, 1877, RawPixel. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/2473235/free-illustration-image-pattern-william-morris-art-nouveau>. Acesso em: 02 ago. 2021.

DESIGN Space Paper Texture Background. **RawPixel**. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/377628/free-photo-image-paper-textures-background-backdrop>. Acesso em: 02 ago. 2021.

20th Century Brown Vintage Paper. **Lost & Taken**. Disponível em: <https://lostandtaken.com/downloads/20th-century-brown-vintage-paper-3/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

BLANK Vintage Craft [...]. **RawPixel**. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/1201849/vintage-old-paper-template>. Acesso em: 02 ago. 2021.

Este livro, produzido pela **EDUTPFR**, é financiado com recurso público visando à ampla e democrática disseminação do conhecimento de forma aberta e para todos.

Esta edição promove o ODS 4 Educação de qualidade, de assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Além disso, é favorável à preservação de árvores e diminuição da pegada de carbono global.

Título	Oportuno Acaso
Formato	16 x 23 cm
Tipografia	Degular Drafting Mono
Licença	CC BY-NC-ND
EDUT FPR	Curitiba 2021 Feito no Brasil <i>Made in Brazil</i>

Oportuno Acaso é uma narrativa mista feita em prosa e verso. São dez capítulos que relatam a saga de João, um moço do interior que perde tudo e recomeça com a ajuda do padre local, indo participar de uma comunidade cristã de base, no final dos anos sessenta do século XX, no Vale do Ribeira. As circunstâncias o envolvem na luta armada de resistência ao regime da época, onde descobre a aventura, a desgraça e o amor. A história contempla mais de trinta anos de uma vida similar à de outros tantos jovens e adultos, vítimas de condições injustas e infelizes. João sobreviverá? Encontrará novas motivações? Recuperará o controle de sua vida?

O experimento de relato misto divide bem claramente as situações da narrativa. Quando fala João, ocorre a prosa; quando o narrador toma a palavra, domina o verso. Há capítulos com apenas um dos gêneros, há outros mesclados. Não se trata de uma inovação linguística na linguagem, apenas duas técnicas de contar, recuperando os poemas narrativos tão em voga nos relatos heroicos. João, assim, torna-se o herói de um tempo sem Maria, ainda que encontrá-la seja seu mais profundo desejo.

Convido a lerem um tanto para recuperar cenas do pano de fundo histórico que emoldura a narrativa, mas convido especialmente para a leitura, pois o livro contempla uma vida comum com seus percalços e conquistas, com as angústias próprias e impróprias de gente simples mas também as alegrias fugazes que passam todas as vivências.

Da plenitude
" Isso foi an
em que mais f

mas sempre e
nha tanto sen
me avia cad
Dispensei meu
com ela. No

Não m
seria estran
que falasse
serviços do
casas dos
sustentar
sua docu
fase e se

Canto de
Os dias u
de calor e
as noites,
de sono

O fim de
no parque
comendo
su pedag
olhando